EDIÇÕES

JOAQUIM SAPATEIRO



AROUIVO HISTÓRICO SALESIANO DO BRASIL

Série primeira: Biografias Salesianas
Primeiro Volume

D. ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA

JOAQUIM SAPATEIRO

Traços biográficos do Coadjutor Salesiano Joaquim Honório dos Santos.

EDIÇÕES S.V.S.

SECRETARIADO VOCACIONAL SALESIANO
Largo Coração de Jesus, 140 - Fone: 51-8951
SÃO PAULO — 1964

Visto pela Congregação Salesiana São Paulo, 24.12.63. Pe. José Stringari — Provincial

> IMPRIMATUR S. Paulo, 10.1.64 Mons. Lafayette Álvares — Vigário Geral

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

JOAQUIM HONÓRIO DOS SANTOS NO SÉCULO

INTRODUÇÃO

I — O torrão natal

1 O torrao mata	
Aspeto físico — Aspeto moral — Origens históricas — O ambiente — Influência do meio — Importação — Salesianos em São João	15
II — Infância	
Casa paterna — Lar modesto e feliz — A Pia Batismal — Primeiros anos — No lar doméstico	27
III — Vida em família	
O bom irmão — Arrimo de família — O operário — Caminhos da Providência — Consciência delicada	33
IV — Ainda no século	
Não descura os estudos — Mortificação — Tempo quaresmal — Indústrias do penitente — Ave crux spes unica	39
V — O asceta	
O homem é religioso — Escola doméstica — Amor à oração — No silêncio da noite — O Rosário	47
VI — Cultivo da caridade	
Conferência de São Vicente — Confrade exemplar — A presidência — Uma fundação	55
VII — Amizade preciosa	
Glórias sanjoanenses — O Padre Machado — O bom amigo — Mútuo benefício — Herança preciosa	61
VIII — Progresso na ascese	
Alma privilegiada — O Sacrifício da Missa — As Fontes da Graça — Um episódio	69

IX — A causa dos operários	
Dom Bosco e o operariado — Os cárceres — A vida operária nos grandes centros — O operário e o futuro	75
X — Resolve abandonar o século	
Resolução generosa — Que Religião há de escolher? — Como vem a conhecer a Congregação Salesiana	81
SEGUNDA PARTE	
JOAQUIM HONÓRIO DOS SANTOS NA VIDA	
RELIGIOSA	
S. João Bosco — Salesianos visitam o Brasil — Fundação do Colégio Santa Rosa	87
XII — Personagens inesquecíveis	
Explicação prévia — Dom Pedro Maria de Lacerda — Padre Pedro Rota — Padre Carlos Peretto	93
XIII — Na vida religiosa	
Deixa o lar — Em Niterói — O Colégio Santa Rosa — Nôvo gênero de vida — O educador	101
XIV — Na intimidade	
As santas Regras — Caridade — Outras virtudes — Os votos religiosos — Morte de D. Bosco	109
XV — Pedagogia de Dom Bosco	
Como atrair as almas — Docilidade — Amor à cruz	119
XVI — No ambiente salesiano	
Uma carta de Joaquim Honório — O Bispo do Rio de Janeiro — Testemunho de Dom Helvécio — Na enfermaria do Colégio	125
XVII — Últimos dias	
Consummatus in brevi — Profissão religiosa — No leito de morte — Ainda o testemunho de Dom Lacerda	133

APRESENTAÇÃO

Na circular n.º 6, de 7 de novembro de 1959, o Revmo. Sr. Pe. José Stringari, dd. Inspetor da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora de São Paulo, anunciava a instituição do Arquivo Histórico Salesiano do Brasil.

Tal iniciativa tinha uma dupla finalidade.

Em primeiro lugar, recolher todo o material histórico da Obra Salesiana no Brasil, visando documentar o trabalho dos Filhos de Dom Bosco em nossa pátria. Este trabalho já foi iniciado, e caminha lentamente para uma fase de maior sistematização.

Em segundo lugar, iniciar a publicação de obras que possibilitem ao público verificar a atividade salesiana, especialmente em prol da formação intelectual, profissional, moral e religiosa da juventude brasileira.

Tais edições obedecem ao seguinte plano:

Série Primeira: Biografias Salesianas — Vida dos salesianos que mais se distinguiram em qualquer campo do apostolado.

Série Segunda: Instituições Salesianas — Fundação e desenvolvimento dos colégios, inspetorias e outras obras salesianas.

Série Terceira: Escritores Salesianos — Publicação ou reedição dos principais livros escritos pelos salesianos do Brasil.

Com o presente opúsculo de Dom Antônio de Almeida Lustosa, Traços biográficos do coadjutor salesiano Joaquim Honório dos Santos, damos início à primeira série.

Por uma série de circunstâncias, êste trabalho já faz parte do material de arquivo. Escrito há anos atrás, quando o autor era ainda simples sacerdote, os originais manuscritos foram olvidados entre outros documentos por quem fôra encarregado da publicação.

Coube a nós encontrá-lo em 1960, quando se iniciavam os trabalhos de organização do Arquivo. Enviamos então os originais a D. Lustosa, então arcebispo metropolitano de Fortaleza, para uma revisão, se necessário, para poder publicá-los. Éle acedeu de bom grado ao nosso convite, feliz de ter em mãos êsse escrito que julgara irremediàvelmente perdido. Mas a cópia por êle corrigida extraviou-se antes de chegar ao destinatário. Com muita paciência o autor, já agora "o santo aposentado" — no dizer de Raquel de Queiroz — refêz de nôvo o trabalho, que agora temos o prazer de oferecer ao público.

É editado numa ocasião muito oportuna, porque o opúsculo nos apresenta a figura de um operário modelar nesta hora em que tanto se fala dos problemas sociais.

Além disso, é publicado no momento em que o Secretariado Vocacional Salesiano acaba de lançar para 1964 a campanha em prol das vocações para Coadjutor Salesiano, o religioso dos tempos modernos na genial instituição de São João Bosco.

Em 1964 o Arquivo Histórico Salesiano prosseguirá suas publicações com a vida do Servo de Deus Pe. Rodolfo Komorek. Está também já em preparação uma biografia do Pe. Álvaro Biolchini. Agradecimentos:

A Dom Antônio de Almeida Lustosa, pela gentileza de sua cooperação.

Ao sr. Pe. José Stringari, por seu apôio incondicional aos trabalhos do Arquivo, que a êle deve a existência.

Campinas, 7 de novembro de 1963

PE. RIOLANDO AZZI Diretor do Arquivo Histórico Salesiano



PREFÁCIO

Êste livro é um prato de finas iguarias, não só para os nossos irmãos Coadjutores, mas também para qualquer leitor.

Além dos dados biográficos e virtudes do Coadjutor salesiano Joaquim Honório dos Santos, um dos primeiros que entrou na Congregação Salesiana no Brasil, o autor vai oferecendo deliciosos bocados aos comensais da família cristã. Como são gostosas as considerações morais, as notas de ascética, os pontos de pedagogia prática, os toques psicológicos... Tudo é servido em porções bem dosadas, para grandes e pequenos, e, tão elegantemente, que todos aceitam e assimilam, aproveitando-lhes muito para a vida.

Dou-me por feliz de ser o modesto anfitrião, que está apresentando aos convivas o sortido cardápio dêste lauto banquete espiritual.

Oxalá saibamos tirar proveito dêste saboroso alimento para roborar nossa alma na vida religiosa.

São Paulo, dezembro de 1963 Pe. José Stringari



INTRODUÇÃO

Dom Bosco, no seu tempo, foi acusado de espírito inovador. Queriam dizer, com isso, que o consideravam com a mania de modificar tudo sem necessidade.

Dom Bosco era realmente amigo de inovações quando a glória de Deus ou o bem das almas o exigia. Se fôsse de mister reagir contra a rotina, para fazer o bem, êle não titubeava. Diziam que era inovador porque introduzira no seu *Oratório Festivo* o uso da Comunhão Frequente; que admitia à Primeira Comunhão crianças de 8 anos e até de menos idade. Diziam que êle descia de sua dignidade sacerdotal para se entender com os garotos da rua, para chamá-los ao catecismo. É verdade o que diziam; mas é também verdade que a Santa Igreja deu todo o apôio a Dom Bosco.

Outra novidade do Sacerdote ultra-moderno para aquêles tempos, foi a de adotar, na sua Congregação, Irmãos sem hábito. Também isso é verdade. Entendeu o Santo Fundador que — como se diz — não é o hábito que faz o monge. Entendeu que os Irmãos Coadjutores trajando à secular, seriam de ótimo exemplo aos católicos leigos e teriam assim facilidade para realizarem grande bem.

A vida de Joaquim Honório dos Santos, descritas nestas páginas, é a de um Coadjutor-Salesiano. Religioso sem hábito. Hábito êle tinha, e ricos hábitos, mas de virtudes raras e até heróicas. Seu traje secular não dava lugar aos comentários que, às vêzes se ouvem, com relação aos Religiosos de

hábito, fazendo crer que êles procedem com grande compostura e modéstia, *Ex officio*, ou seja para honrarem o hábito, que envergam, e não por verdadeira convicção.

A modéstia do Irmão Joaquim, em tôda a parte, seu recolhimento sincero nas funções religiosas, sua atitude humilde e alegre para com todos, lhe contituíam o precioso hábito que seus discípulos e quantos o conheciam, se sentiam inclinados a venerar.

Joaquim foi um filho modelar, foi um operário modelar, foi um Religioso modelar.

Nestas breves páginas queremos sobretudo sublinhar suas belas qualidades, como operário, pois, em nenhuma época da humanidade, houve tanta necessidade, como nos nossos dias, de formar o caráter do operário em base bem sólida de virtudes cristãs. Ideologias e iniciativas enganadoras, sob o pretexto de promoverem o operário, procuram materializá-lo por todos os meios. E o pobre homem do trabalho perde o seu mais rico tesouro que é a fé. Seus falsos amigos entretanto dêle se valem para galgarem as posições que ambicionam. formação cristã é que pode precaver o operário contra as ciladas do mal. Os bons exemplos, a educação cristã ministrada em tempo, isto é, na adolescência, eis o que pode preparar o operário para que se conserve impermeável às doutrinas deletérias que saturam o ambiente em que vivemos.

Queira São João Bosco abençoar estas páginas, para que, através delas, os exemplos de virtude do humilde Irmão consigam mover os operários a reagirem, pela virtude, contra o materialismo invasor.

PRIMEIRA PARTE

Joaquim Honório dos Santos no século

Ι

O TORRÃO NATAL

Aspeto físico — Aspeto moral — Origem histórica — O ambiente — Influência do meio — Importação — Salesianos em São João.

ASPETO FÍSICO

Cada pessoa tem sua fisionomia própria, inconfundível. Haverá dois ou mais indivíduos semelhantes, de feicões quase iguais; mas no sorriso, no falar, nas várias expressões do semblante, haverá um traco, um vinco, um movimento, uma expressão, um quê não comum, mas individuante. Na convivência com êsses, que nos parecem fisionômicamente iguais, êsse quid característico se vai acentuando, e, bem depressa, extremamos os que, há pouco, identificávamos. No círculo de uma família, não são raros os tipos semelhantes, mas ao atento observador, dois irmãos gêmeos não lograriam esconder, por muito tempo, a nota pessoal que nêles impede a inteira semelhanca. O mesmo se diga das fisionomias morais.

O que se dá com os homens, dá-se, de alguma sorte, com as cidades. Em um grupo ou, digamos, em uma família de cidades, ou simples aldeias, é fácil encontrar a semelhança que as irmana. Quem as visita, à vol d'oiseau, tem dificuldade em impedir que se superponha as imagens, que elas lhe gravaram na memória.

Aqui no Brasil, essas famílias abrangem, às vêzes, vários Estados; mas Estados há, em cujas áreas, se contêm várias famílias distintas de cidades.

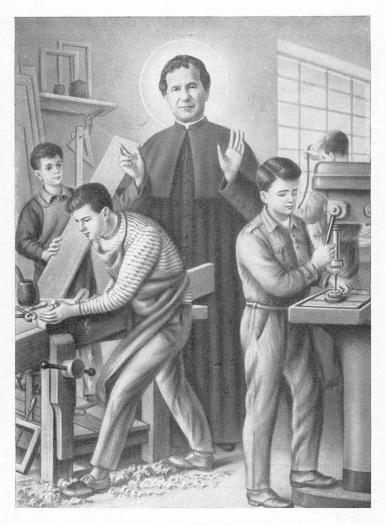
Em Minas, há delas uma grande família em que o traço comum é notável. Quase que único é o tipo fisionômico que caracteriza algumas povoações do interior do Estado.

O visitante que não fôr bom fisionomista, depois de as pecorrer, confundirá fàcilmente uma com as outras. Pelas encostas das colinas, sobem os cordões do casario irregular; os telhados em escada, nas ruas ascendentes, negrejam, esmagando as casas acachapadas. No alto de algum morro (cidade sem morro, em Minas, é quase incompreensível) a matriz ou uma capelinha branca e, em frente, um cruzeiro enegrecido pelo tempo.

Quanto ao mais, diferença é mais uma questão de quantidade ou extensão.

Assim é que o turista que percoresse essas cidades, após a excursão, ver-se-ia em dificuldade para distinguir umas das outras. A maioria, para a qual a sucessão, no passado, se estriba na diversidade das sensações, acaba por amalgamar tôdas essas impressões em um só tipo de cidade.

Quanto ao aspeto moral, notam-se também semelhanças, ao lado de pequenas diferenças, que crescem à fôrça de observação. É o que se dá entre a população de uma e da próxima cidade. A raça será única, uma só política, uma mesma fé e o mesmo grau de civilização; contudo entre a popu-



DOM BOSCO

AMIGO DOS JOVENS OPERARIOS
FUNDADOR DOS COADJUTORES SALESIANOS



MESTRES COADJUTORES SALESIANOS da Escola Profissional São José (Campinas — S. P.)

lação de uma e de outra cidade, não faltará uma nota característica, para impedir que a única diferença entre as duas seja tão só a numérica. Se devessemos pôr o dedo sôbre a nota que caracteriza, fisicamente, São João d'El Rei, não seria de mister pensar muito. As igrejas — eis a nota peculiar à fisionomia sanjoanense.

Muitas outras cidades do interior, de fundação antiga, se parecem com ela; mas os templos de São João têm uma grandiosidade, relativamente rara. Três ou quatro dêles são monumentos arquitetônicos que mereceram honrosos encômios (I).

ASPETO MORAL

Do lado moral, o povo se distingue pela religiosidade; sobretudo brilha esta nota na época em que ali viveu o nosso biografado.

Muitas vêzes, as qualidades físicas e morais do homem estão em perfeita harmonia e consonância. Exceções certamente as haverá. Também nas cidades, o aspeto físico muitas vêzes revela os sentimentos dos seus habitantes. São João não faz exceção a esta regra.



Um pequeno grupo de casas surgiu à margem do Rio das Mortes. Êste rio pertence à bacia do Rio da Prata. Com efeito êle é tributário do Rio

⁽I) O Comendador Aureliano Pimentel, que foi Reitor do antigo Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro e possuia invejável cultura, deixou poucos mas preciosos trabalhos em clássico e elegante vernáculo. Teceu preciosos elogios às igrejas de São João d'El Rei.

Grande, êste é tributário do Rio Paranaíba, êste é tributário do Rio Paraná, êste leva suas águas para o Rio da Prata. Havia terras auríferas na região, que atraíram garimpeiros.

Em 1713, o povoado que havia medrado, foi elevado à categoria de vila, com o nome de São João. Depois lhe acrescentaram: — "d'El Rei". Éste acréscimo se pode explicar pelo costume que então havia de homenagear dêsse modo o Rei, pois várias denominações de cidades e vilas o receberam; mas se pode explicar também como homenagem ao fundador do povoado, cujo nome era Tomé Portes d'El Rei.

Em 1789, irrompe o movimento nativista, conhecido por Inconfidência Mineira.

José Maria da Silva Xavier o Tiradentes, que nascera na Fazenda do Pombal, pertencente então ao Municipio de São João, sonhou em fazer da pequenina vila a Capital da República. Essa pequena vila, só em 1838, passou à categoria de cidade.

Como dissemos acima os garimpeiros devem ter sido os fundadores da futura cidade de São João. Quem visita a região, em que ela se situa, pode ler nas fendas que rasgam a rocha viva das suas cercanias a história de sua origem. Mas a população não ficou à margem da corrente nativista, que agitava a época. O mesmo nome do Rio, em cujas margens pousava aquêle núcleo de população "das Mortes" lembra as lutas dos Emboabas. Os mesmos filões de outro são bons condutores da cobiça e de outros germens de lutas. A malograda insurreição que terminou em Santa Luzia pelas armas do Valente Caxias teve quiçá sua origem em São João, que se inflamou à voz de José Feliciano. A vila deixará de ser o eldorado dos garimpeiros,

que desapareceram deixando na serra seus vestígios como misteriosos hieroglifos, onde mal se soletra a história de uma cidade nascente. Partiram os exploradores em demanda de veios auríferos mais compensadores, levando das primitivas minas apenas o nome. Deram-se os moradores do lugar a outros meios de vida, menos aleatórios e instáveis e assim escapou a povoação à decadência e talvez ao desaparecimento a que ficaram sujeitas outras povoações nascidas dos garimpos.

O espírito nativista, de vez em quando, inflamava os ânimos, pois já se tinha generalizado muito o desejo de sacudir o jugo lusitano. S. João era ainda uma simples vila — pois só foi cidade em 1833 — quando participou da inconfidência, talvez por ser um dos seus filhos — Tiradentes — o mais exaltado dos conjurados.

Hoje a cidade está dividida em três paróquias. Possui belas igrejas, como dissemos, das mais belas que se encontram no Estado de Minas. Sua primeira matriz foi a Igreja de N. S. do Pilar, hoje elevada à categoria de Catedral. São João é Sede Episcopal, há quatro anos. A Diocese faz parte da Província Eclesiástica de Juiz de Fora. Essa Igreja foi iniciada em 1721. Com o tempo foi ampliada e artisticamente ornamentada.

A Titular — N. S. do Pilar, cultuada em São João, recorda a devoção popular da Espanha. Contam os filhos de Saragoça que ali se achava o Apóstolo São Tiago, às margens do Rio Ebro, quando ouviu, em celestial harmonia, o canto da Ave Maria. Nisto lhe apareceram os cantores que eram espíritos celestes e colocaram no solo uma coluna — era o *Pilar*. Cientificaram-no de que ali se devia, por vontade de Deus, erigir um templo à Virgem

Maria. Aí está a origem da devoção a N. S. do Pilar — orago da primeira matriz de São João e hoje Titular da Diocese. Nesse templo que os sanjoanenses tanto prezam, recebeu o batismo nosso biografado — Joaquim Honório dos Santos.

Vamos transcrever aqui a certidão dêsse batismo, registrado no 5.º Livro de Batismos do Arquivo Paroquial — fôlha 249.

"Aos nove dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e cincoenta, nesta Matriz de N. S. do Pilar da cidade de São João d'El Rey, o Revmo. Coadjutor Bernardino de Souza Caldas baptizou solemnemente e poz os Santos Oleos a Joaquim inocente, filho legitimo de João Evangelista dos Santos e Felicidade Barbara Maria d'Oliveira, nascido ha mez e meio. Foram padrinhos Antonio Joaquim de Malta Ladares e sua mulher D. Anna Rodrigues de Oliveira, todos desta Freguezia". (Conservamos a ortografia então em uso).

ORIGEM HISTÓRICA

A cidade natal de Joaquim nasceu naturalmente, porque suas terras ricamente auríferas atraíram os exploradores. Aliás a *auri sacra fames* foi a causa do aparecimento de muitas povoações em Minas. Como porém costuma suceder, depois de recolhido o ouro que fàcilmente se deixa retirar do solo, pelo processo primitivo da *bateia*, várias destas povoações nascentes caíam no abandono, pela retirada dos garimpeiros. Houve uma época em que muitos exploradores afluiram às jazidas de São João d'El Rei, e depois se transferiu para o Morro Velho, perto de Belo Horizonte. A mineração desapareceu como indústria extrativa organizada.

Continuaram ainda alguns particulares, pelo processo rotineiro dos primtivos garimpeiros, a retirar o ouro dessas terras. Ainda hoje na serra, que emoldura a cidade, abrem-se galerias em perseguição dos veios auríferos.

O riacho que atravessa a cidade de ponta a ponta, "Riacho do Lenheiro" tem sempre em seu leito a areia aurífera. Constantemente à margem dêsse riacho vêem-se rapazes e meninos de bateia na mão, a garimpar. O processo consiste em colocar na bateia, que é uma gamela ou bacia de madeira, cujo fundo termina em cone, certa quantidade de areia aurífera com água; imprime-se ao conteúdo um movimento rotatório. Pela fôrça centrífuga a areia, que é mais leve, sai. No fundo fica o ouro. Geralmente o trabalho se faz, conservando o bateia mergulhada na água do riacho, de modo que a correnteza da água leva a areia em liberdade e fica depositado, no fundo da bateia, o ouro puro.

A mineração, porém, não teria garantido a prosperidade da pequena cidade; a lavoura e a pecuária foram em auxílio da indústria extrativa em decadência.

Nos últimos anos, a cidade se industrializou. As quedas d'água, existentes nos rios próximos, forneceram a energia elétrica indispensável. A princípio a cachoeira do Carandaí e ùltimamente a do Itaitinga enriqueceram a zona de fôrça motriz.

O AMBIENTE

Desde o fim do século passado, São João é iluminada a luz elétrica de origem hidráulica. Surgiram as fábricas de tecidos e outras.

Paralelamente ao progresso industrial, a cidade viu o florescimento cultural de seu povo, através de importante estabelecimentos de ensino.

A alma religiosa sanjoanense manteve sempre alto teor de piedade cristã. Índice seguro da intensidade de fé, que sobrenaturaliza a família, é o número relativamente grande de Sacerdotes e Religiosas, que abriram seus olhos nessa terra abençoada. Talvez nenhuma outra cidade do Brasil possa apresentar percentagem maior de vocações sacerdotais. Presentemente são aproximadamente setenta os sacerdotes vivos, nascidos em São João. É grande o número dos já falecidos.

A família sanjoanense ama suas belas igrejas. suas tradicionais festas religiosas, seus sinos que falam uma linguagem altamente significativa e eloquente para os filhos da terra. A voz dos sinos fala ao povo confidencialmente; tem segredos para os forasteiros, para os filhos da terra não os tem. A alma dessa população vibra uníssona com o bronze dessas tôrres, que projetam sua sombra sôbre todos os lares. A criança aprende com a velha doméstica a difícil arte de interpretar a voz dos sinos. Não há código para a interpretação dessa linguagem; a tradição é que ensina. O bimbalhar choroso, os dobres a finados, variam de acôrdo com a idade do falecido, com sua condição social, com a irmandade a que pertencia, etc. Os repiques festivos variam com a importância da solenidade, com a sua realização próxima ou remota, etc. O calendário das festividades tradicionais está na memória do povo. Não se pode negar que da época em que viveu nosso biografado até hoje o espírito religioso do povo sofreu forte alteração, mas devemos conhecer o ambiente em que êle viveu.

INFLUÊNCIA DO MEIO

O ambiente físico exerce influência e muito acentuada no nosso espírito. A crianca, sobretudo, impressionável, como é, ávida de novidades, quer imitar tudo quanto vê; recebe, em sua tenra alma, influxo poderoso do ambiente, em que vive. Assim, fica exposta a receber forma e côr de tudo que a cerca. Naturalmente, mais que o ambiente físico. o ambiente moral influi no ânimo infantil. Mas ambos influem. A crianca que tem sempre diante dos olhos um horizonte rasgado, onde a aurora e o ocaso são esplêndidas visões, não pode ser indiferente à cultura do belo, que tantas vêzes lhe recreou as pupilas. Será um artista? Pode ser que não: mas será rica de sentimento e gôsto, saberá amar o que leva. As crianças, ao invés, cujos cenários naturais, sôbre severos são monótonos, acanhados, pobres de luz, têm um raio de descortino muito reduzido para a movimentação de suas idéias. Se isto é verdade muita vez, com maior razão se pode dizer o mesmo em relação ao ambiente moral. Infeliz a criança em cujo lar, não encontra senão corações mesquinhos e tacanhos: será uma alma atrofiada, sem generosidade, sem visão. Se ao contrário, a magnanimidade fôr a inspiradora das ações de que ela é constante testemunha, muita nobreza se pode esperar dêsse coração feliz.

A indolência não costuma ser comum entre os habitantes das grandes cidades. Tão pouco primam, em geral, pelo espírito de iniciativa, os filhos das cidades decadentes.

O meio é grande educador ou é uma resistência quase insuperável à boa formação de um caráter.

São João d'El Rei é chamada a Roma de Minas. Nem lhe faltam títulos ao epíteto. Ésses títulos comparativos tiram tôda a sua fôrça de propriedade do relativismo, pelo que não devem, sem mais, julgar-se bombásticos. O número dos seus templos, sendo alguns majestosos, o clero bem numeroso, o esplendor das festas religiosas, distinguiam S. João de suas irmãs mineiras. Aí está em que se parece ela, em seu bêrço de montanhas, com a cidade das sete colinas.

IMPORTAÇÃO

Intencionalmente sublinhei êsse caráter religioso da cidade para que melhor se entenda, quanto em seguida se há de referir. Nem é supérfluo notar que os homens só podem ser devidamente estudados dentro do ambiente e das condições em que vivem. E entre estas não nos escape a do tempo. Cumpre remontar a quase um século, para entender o espírito religioso, que reinava, entre os sanjoanenses. Ainda quando não se faça parte do número dos que incondicionalmente exaltam o passado, sôbre o presente, daqueles aos quais chama o poeta "louvadores dos tempos que se foram" há de se reconhecer que, em muitas das nossas cidades, houve certa decadência do espírito religioso.

Muito confôrto material temos importado de outras terras, mas infelizmente importamos também muita cousa indesejável. O mal se propaga com espantosa facilidade, ao passo que o bem luta para penetrar onde encontra reação ou indiferentismo. A natureza decaída é a correnteza que desce. E não é fácil remar ao arrepio da correnteza.

Por via de regra, a má semente vinga com maior viço do que a boa, porque a má secunda as inclinações da natureza decaída e a boa reage contra as paixões. Se a reação é decidida, há um consolador florescimento de vida cristã; se a reacão é fraca, a decadência religiosa se acentua. A doutrina setária, as ideologias naturalistas, a propaganda materialista, como enxurrada maléfica invadiu também o nosso povo do interior. Sobretudo nos últimos tempos, com o desaparecimento, pode-se dizer, das distâncias, tôdas as correntes do êrro ràpidamente contaminam a alma campesina. As vilas e cidades do interior afastado do literal. também elas sofreram a influência meléfica da propaganda do êrro. São João, no interior, distante do litoral, não se pôde furtar completamente ao contágio das ideologias malsãs que pululavam nos últimos tempos. Houve, sem dúvida, certa reação. mas mesmo assim o patrimônio dos princípios e das tradições religiosas sofreu algum abalo. A luta, entretanto, muitas vêzes é uma necessidade. água estagnada se putrefaz; a água batida, agitada se conserva; a ventania que deita por terra as árvores de raízes superficiais, enrigece as fibras das árvores robustas, obrigando-as a verdadeiros exercícios de ginástica.

SALESIANOS EM SÃO JOÃO

Pelo menos desde 1890 os Sanjoanenses pleiteavam a fundação de uma casa salesiana no torrão natal de Joaquim Honório. Com efeito, nesse ano, o Pe. João Cagliero, que foi o chefe da primeira expedição de Missionários Salesianos, enviados por Dom Bosco à Patagônia, e mais tarde Cardeal da Santa Igreja, visitou São João com outros Salesianos, para tratar de uma fundação. Leiamos êste trecho de uma carta escrita pelo Sa-

lesiano Padre Pedro Cogliolo, escrita em setembro de 1890: "Monsenhor (João Cagliero) partiu para a Província de Minas Gerais, para visitar em São João d'El Rei, uma casa com vastíssimo terreno. que se quer dar aos Salesianos. Foi aí recebido com grande demonstração; esperava-o o Revmo. Pároco e outros Sacerdotes, a população inteira, com fogos de artifício. ... "Infelizmente, nessa ocasião não foi fundada a Obra de Dom Bosco em S. João. Só muito mais tarde, coube tal ventura aos sanjoanenses. Em 1943, foi fundada a Escola Agrícola "Padre Sacramento". Quatro anos depois foi fundada a Inspetoria Salesiana "São João Bosco" com sede no Rio de Janeiro, com dezesseis Casas, desmembradas da Inspetoria de São Paulo. São João, que ficou integrando a nova Inspetoria, tomou grande desenvolvimento.

Hoje, a Obra Salesiana em São João abrange, além da paróquia que lhe foi confiada, uma próspera casa de Aspirantes Salesianos com cursos secundários. Mantém uma Faculdade de Filosofia e Oratórios Festivos.

Note-se, de passagem, que o primeiro país da América, em que desembarcaram os Salesianos, foi o Brasil. Quando em 1875, Dom Bosco mandou os primeiros Salesianos para a Argentina, chefiados pelo P. João Cagliero, mais tarde Cardeal, os Filhos de D. Bosco desceram no Rio de Janeiro.

INFÂNCIA

Casa paterna — Lar modesto e feliz — A pia batismal — Primeiros anos — Escola doméstica.

CASA PATERNA

Em um pardiero humilde de uma rua obscura de São João, veio ao mundo essa criança, da qual nos ocupamos nestas páginas. Depois que o Filho de Deus escolheu, quando veio ao mundo, para sua primeira moradia, uma pobre gruta, escavada pela mão do tempo na rocha calcárea da montanha de Belém, depois que o Verbo Encarnado, quando veio habitar conosco, mais não quis para o bêrço do que uma pobre mangedoura — ninguém mais se admira de ouvir os primeiros vagidos de um futuro servo de Deus a reboar no recinto de um tugúrio.

O século das luzes estava no meio do seu curso; em seu bôjo repleto de acontecimentos momentosos para a civilização, perdia-se, como fato vulgaríssimo e apagado, o nascimento de uma obscura criança. Além dos vizinhos próximos e dos parentes, mais ninguém teve conhecimento de ter vindo à luz uma humilde criança — fato que, por vulgaríssimo, não podia passar dêsse modesto e restrito círculo.

Sabe-se que nasceu nosso biografado em um dos últimos dias de dezembro de 1849; mas não se sabe com precisão o dia do nascimento. Pela certidão de Batismo que transcrevemos, sabe-se que o

párvulo tinha um mês e meio a nove de fevereiro de 1850. Por isso julgaram que seu dia natalício fôsse o dia 25 de dezembro — Natal do Salvador. Sua glória, porém, não foi a de ter nascido no dia em que se comemora o nascimento de Jesus, mas de ter procurado imitar, no decurso da sua existência, as virtudes do Filho de Deus.

Os pais de Joaquim se julgaram venturosos, mas não podiam adivinhar que a humilde criança deixaria na sua passagem pela terra um luminoso rasto, não de glória efêmera, mas de virtude. Na pobreza de sua condição, êles lobrigaram talvez para o filho um futuro honrado, mas obscuro como obscura e honrada era a vida que levavam, como simples proletários.

LAR MODESTO E FELIZ

João Evangelista dos Santos e Felicidade Bárbara Maria d'Oliveira eram os progenitores de Joaquim. Abençoou-lhes Deus o enlace matrimonial, dando-lhes dois filhos e quatro filhas. Pelo ano de 1935, ainda viviam duas irmãs e um irmão de Joaquim. Quem escreve estas linhas teve oportunidade de falar com essas duas irmãs já curvadas pelos anos. A mais velha parecia mais que nonagenária, a outra era pouco menos velha. Ambas choravam comovidas quando relembravam a dedicação e as virtudes do irmão saudoso. Eram muito pobres.

João Evangelista dos Santos era pedreiro de profissão. Ganhava honestamente o pão para subsistência da família. Trabalhador e consciencioso, sujeitava-se a ausências mais ou menos longas, em busca de trabalho, quando êste escasseava na cidade de São João. Ficava então a espôsa cuidando

dos filhos. Procurava ela ajudar ao marido a fazer face às despesas da casa. Viam-na então, com a almofada sôbre os joelhos, a manusear os bilros. E a renda delicada, de confecção artística, mas muito mal remunerada, era o modesto subsídio com que ela concorria para o granjeio da subsistência dos seus filhos.

Faltava-lhe, sem dúvida, à mãe de Joaquim a instrução conveniente a uma educadora.

Mas quantos recursos não tem o amor materno, sobretudo em o coração da mãe cristã, para suprir as deficiências dos fatôres intelectuais. O bom senso, o carinho de uma verdadeira mãe cristã, descobre leis e previne contratempos, que os doutos em pedagogia supunham inacessíveis aos que êles chamam profanos. Diz-nos a fé que o Espírito Santo concede as suas luzes às almas boas que cultivam a piedade. Assim é que se explica a sabedoria que admiramos em algumas mães cristãs, sem letras, sem cultura, mas tementes a Deus. Com que prudência e heroismos cumprem seus deveres de educadoras de sua prole!

A PIA BATISMAL

No Arquivo Paroquial da matriz, hoje Catedral de N. S. do Pilar de São João, se encontra o assentamento do batismo de Joaquim. No princípio dêstes dados biográficos transcrevemos *ipsis litteris* a certidão do Batismo. Geralmente os pais mais fervorosos, procuram batizar seus filhos logo nos primeiros dias, após o nascimento. Têm pressa de que o Espírito Santo tome posse, quanto antes, da criança e a torne um templo vivo para sua habitação. Realmente, a fé esclarecida não sofre que a

criança fique, sem necessidade, privada da graça batismal, que a eleva do plano natural para o sobrenatural. Ignoramos porque ficou protelado o batismo de Joaquim por espaço de um mês e meio.

A criança, que sai de casa, para receber o batismo na Igreja, volta para sua casa, parece não ter sofrido modificação alguma. Na verdade, no exterior nada mudou. Mas que grande a transformação pela qual passou sua alma! A ausência completa de indícios exteriores não poderia por certo deixar transparecer a transformação da alma.

Não são físicos os agentes dessa transformação. É a dinâmica da graça que opera na alma da criança. E ela abala, num momento da região das sombras do paganismo para os páramos de luz, da ordem natural salta para a ordem sobrenatural, do paganismo para a Igreja. E é de crer que, além dos privilégios que enriquecem as almas apenas batizadas, nosso párvulo houvesse recebido particular efusão de graças.

Nessa época, em São João, não havia comunidades religiosas. Só muitos anos depois que Joaquim Honório se retirou, para se fazer religioso, é que se estabeleceram os primeiros Religiosos nessa cidade.

O fato de ter surgido essa vocação para a vida religiosa em uma cidade em que nunca tinha havido conventos ou casas religiosas, faz-nos crer que graças especiais tenham enriquecido a alma dessa criança na pia batismal. Tais graças explicariam também a propensão que durante sua existência no século o encaminhou para a vida piedosa, que o distinguiu. Aliás, como explicar o pendor que desde bem cedo o inclinou para a virtude? Como entender a acentuada probidade nos anos da sua

adolescência, a despeito do ambiente comercial nem sempre muito favorável?

PRIMEIROS ANOS

Fôsse estreiteza de recursos, fôsse debilidade natural de compleição, Joaquim não gozou de boa saúde, nos anos da sua infância. Sua educação intelectual não foi descurada apesar das condições de pobreza em que vivia. Tinha gôsto pelos estudos e com sacrifício, além do português, conseguiu adquirir alguns conhecimentos de francês e de latim. Tinha queda acentuada para a música, que cultivou com proveito. Tornou-se mestre dessa arte e dela se serviu para auxiliar a manter sua família. Em sua cidade natal, dava-se grande valor à música sacra. Tornaram-se célebres as composições sacras do Padre José Maria Xavier, que de acôrdo com o gôsto da época, davam grande solenidade às funções litúrgicas. Por longos anos, essas composições estiveram em uso. Depois vieram as instruções sôbre a música litúrgica e foram substituídas as composições do Padre Xavier, que eram realmente belas e artísticas, mas cheias de repetições e harpejos, pouco condizentes com as instruções de Roma. Aprendeu a arte de sapateiro e se tornou hábil na confecção de calçados.

NO LAR DOMÉSTICO

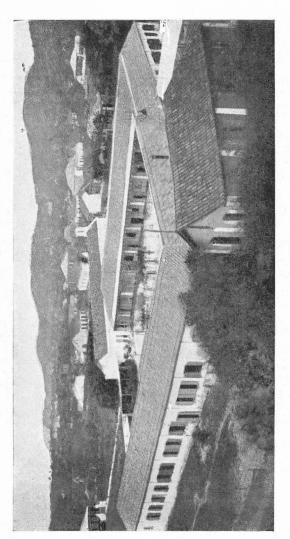
Lemos no £xodo: "Honra a teu pai e a tua mãe, para viveres longos anos na terra que teu Deus te dará (XX-12). E São Paulo escrevendo aos efésios, repete êsse mandamento (VI-1). Jesus Cristo veio aperfeiçoar a lei e não podia destruir

as que eram transcrição fiel das leis da consciência, cujo autor é o mesmo Legislador Supremo.

Nada mais natural ao filho tributar aos autores dos seus dias a dedicação que êles lhe merecem. E nada mais contrário ao bom senso, ao coração bem formado do que o desprêzo ou mesmo a indiferença, em relação a seus progenitores. A fé consolida os ditames da consciência e purifica os sentimentos que naturalmente prendem os filhos aos pais.

A paternidade nos lembra Aquêle que diretamente intervém nos efeitos das causas segundas para nos dar o espírito. Aquêle que sopra o *Spiraculum vitae* na face do organismo material, para constituir o homem; lembra-nos ainda a soberania de Deus que é o autor de tudo o que há em nós e fora de nós. Felizes os pais, cujos filhos conservam íntegros, vibrantes os sentimentos de suas almas, que só conhecem delicadezas em os tratar e abnegação em confortá-los. Felizes portanto os pais de Joaquim porque nêle tinham o tesouro que é o bom filho. Era obediente a seus pais até o sacrifício e era assim o confôrto que lhe dava para suprir a falta de recursos financeiros.

Bem cedo começaram os progenitores do jovem Joaquim a colhêr o fruto da educação religiosa, em que haviam nutrido sua infância, pois êle soube bem corresponder aos desvelos dos seus pais.



Escolas Profissionais Salesianas de Niterói onde foi educador o Coadjutor Joaquim Honório dos Santos, em 1890 (foto da época)



Uma rara fotografia dos mestres e alunos das Escolas Profissionais de Niterói nos tempos do nosso biografado (1890). Vários mestres e aprendizes mostram seus instrumentos de trabalho.

A VIDA EM FAMÍLIA

O bom irmão — Arrimo da família — O operário — Caminhos da Providência — Consciência delicada.

O BOM IRMÃO

Bom filho que era, não podia deixar de ser o jovem Joaquim um bom irmão. Cheio de fé, porém, como era, dirigia o melhor dos seus cuidados no sentido de conseguir para seus irmãos os favores espirituais, que sabia serem imprescindíveis aos mesmos como sentia serem para êle próprio. duas irmãs, citadas mais atrás, através de dezenas de anos, recordam os desvelos do irmão e choram enternecidas sôbre êsse passado saudoso. Ao longo de uma dilatada existência, para elas já guase secular, não faltam incidentes capazes de cancelar da memória e também do coração as emoções da juventude. Sòmente quando bem fundos foram os vestígios que lá se gravaram no passado remoto, se compreende revivescência tão enternecedora que se desafogue ainda em lágrimas. É o caso das duas trêmulas nonagenárias. Elas guardam com veneração uma única e amarelecida carta em que o irmão ausente lhes envia o confôrto de fraternas palavras — feitas de simplicidade e dedicação. Aos domingos, notava-se certa impaciência nos modos de Joaquim. Andava pressuroso, de um lado para outro, na pequena sala de visitas da casa.

Que havia de incomodar assim pela manhã, no dia do Senhor, ao bom môço? Era o receio de que suas irmãs perdessem a Missa. Lembrava-lhes a hora, a cada instante, e não se aquietava senão quando as via fora de casa, rumo à Igreja. Com seu trabalho profissional, procurava proporcionarlhes todo o confôrto que estava ao seu alcance.

ARRIMO DA FAMÍLIA

O pai de Joaquim lutava de contínuo para granjear o necessário à modesta subsistência de sua casa. Nem sempre conseguia trabalho na cidade: deixava então os cuidados da família à sua dedicada espôsa e se ausentava, à busca de trabalho. Quando Joaquim comecou a ganhar alguma cousa, unia seus parcos proventos dos frutos dos labôres paternos e assim melhorava o passadio, que era demasiado frugal, quando a ausência do chefe se devia prolongar. Certa vez, realmente se prolongou mais a ausência do bom pedreiro, que havia assumido compromissos na construção de uma igreja distante. Nessa ausência Joaquim teve oportunidade de revelar quanto desvêlo e dedicacão êle nutria para com sua velha mãe e irmãs. Sua mãe, já bem entrada em anos, continuava a despeito dos olhos cansados, a confeccionar suas rendas; porém o trabalho pouco produzia. Mas dispôs a Providência Divina que, nessa fase em que os velhos progenitores já muito pouco podiam fazer para manter a família, o filho dedicado estivesse em condições de auxiliar eficientemente a família. Submeteu-se o bom filho à rigorosa economia, privava-se de diversões, reduzia ao mínimo suas despesas pessoais e assim cooperava decididamente para o sustento da família.

Fazia-se mister adquirir uma pequena casa para a família. Não lhe convinha pagar mensalmente o aluguel da casa em que viviam. Essa despesa obrigatória, no fim de cada mês, desequilibrava o pobre orçamento dos inquilinos. Joaquim não trepidou em limitar ainda mais as próprias despesas. Intensificou-se a atividade do jovem operário e o fruto dêsses sacrifícios de alguns anos foi o íntimo prazer, que êle experimentou, no dia em que pôde dizer a seus pais: "Esta casa é vossa".

O OPERÁRIO

Vimos que Joaquim sentia inclinação para a música. Cultivou com muito gôsto e aproveitamento essa arte, que o auxiliou, na missão de arrimo de família, que de fato veio a ser. Fêz parte da Lira Sanjoanense — a melhor organização musical da cidade e de tôda a redondeza. Era porém indispensável que êle se dedicasse a mais alguma atividade para poder fazer face às despesas, que corriam por sua conta, no sustento da família. Foi então que se dedicou à arte de sapateiro de modo particular. A necessidade de auxiliar aos seus fêz dêle um operário hábil e o pôs em contato mais direto com a classe dos artífices para a qual, êle iria trabalhar como educador salesiano. Estava-se esbocando a luta que desde o início dêste século vem agitando a humanidade, com o angustioso problema das relações entre o capital e o trabalho. Joaquim pertenceria mais tarde a uma congregação que procura resolver os grandes problemas da classe operária, resolvendo de modo especial o problema da educação do jovem operário.

Joaquim integrando a classe, vai-se preparando, sem o saber, para sua grande missão.

CAMINHOS DA PROVIDÊNCIA

O homem dócil às inspirações da graça vai seguindo, mesmo inconscientemente, o caminho tracado pela Providência. Se atentos observássemos os fatos da natureza, por vêzes admiraríamos o paciente preparo das causas que os determinaram. Um fenômeno vulgaríssimo que hoje nos prenda a atenção, é o têrmo de um grande número de fases por que êle passou — é o último elo de uma cadeia muito longa de causas sucessivas. O carvão de pedra, por exemplo, que hoje se nos mostra tão rico de calorias, de energias latentes, de elementos preciosos, foi elaborado lentamente no subsolo, durante milênios. A árvore, que se carbonizou nesse laboratório antiquíssimo, devia ter muita fôrça vital, devia acumular grande soma de princípios ativos, para produzir, séculos mais tarde, os frutos da manufatura, nas fábricas, como outrora produzia seus frutos naturais nas florestas primitivas.

Assim a Providência costuma preparar os homens. São Pedro se habituara a enfrentar as tempestades desde môço. Sem êle o saber, se estava preparando para enfrentar, na idade madura, outras tempestades, quando houvesse de tomar o leme da barca da Igreja de Cristo. A indômita coragem com que lutava contra os escarcéus do Mar da Galiléia ser-lhe-ia, mais tarde, necessária, quando tivesse de enfrentar o mundo pagão que pretendia tragar a Igreja.

João Bosco, em Becchi, com poucos anos, é já um centro de atração; seus companheiros de infância se sentem presos a êle; é um líder entre a petizada. Mais será o grande pedagogo, ainda há pouco proclamado, pelo Cardeal Siri Arcebispo de Gênova, o maior Educador do seu século. O nosso Joaquim seguiu sem o saber, a trajetória que a Providência lhe traçara para atingir a meta que êle ignorava, dentro do plano divino. Êle devia ser membro de uma Congregação essencialmente amiga do operário. Cumpria que êle conhecesse bem êsse campo, em que o futuro lhe assinaria um pôsto de honra e sobretudo um pôsto de trabalho eficiente. Os caminhos de Deus são, muitas vêzes, misteriosos; felizes os que se deixam guiar, não pelos caprichos ou ambições terrenas, mas pelas luzes da fé, pelo desejo de acertar com a divina vontade.

CONSCIÊNCIA DELICADA

A arte que Joaquim escolhera talvez por lhe facultar mais depressa meios de auxiliar a família. foi para êle um exercício constante de virtudes. Inteligente e trabalhador, em pouco tempo se tornou perito na sua arte. Como era muito honesto nos seus trabalhos, em breve, conseguiu grande freguesia. Durante algum tempo, trabalhou por conta própria; depois se associou a outro profissional com o qual manteve uma sapataria durante seis anos. Cessou esta sociedade precisamente quando Joaquim Honório se retirou para a vida religiosa. Cêrca de trinta anos atrás, ainda vivia o sócio de Joaquim Honório. Interrogado sôbre as qualidades do seu antigo companheiro de trabalho, a êle se referiu saudosamente edificado com as virtudes do seu sócio falecido anos atrás.

O temor de Deus — diz o Sábio — (ECCL. I-27) — expele a malícia e a iniquidade. No exercício de sua profissão, Joaquim sempre deixou transparecer seu espírito de homem temente a Deus. Cumpria seus compromissos com grande

solicitude. Quanta delicadeza moral no humilde operário! "Bem-aventurados os que andam pelos caminhos do Senhor e o temem" — diz o Rei Salmista (S. CXXVII-1). O Divino Mestre vendo a Natanael alegrou-se dizendo: "Eis um verdadeiro israelita no qual não há dobrez" (João I,47).

Parece-nos quadrar com justeza êsse belo elogio no bom Joaquim Honório.

Certa vez ultimava êle um par de calçados encomendados; ao polir a sola, a lâmina que manejava resvalou e deu um pequeno talho naquele calçado. Foi quase imperceptível o corte. Não causaria prejuízo, nem o freguês o perceberia. Entretanto o consciencioso artífice, não quis receber o pagamento e se prontificou a fazer outro par de calçados para não prejudicar o freguês.

AINDA NO SÉCULO

 Não descura os estudos — Mortificação — Rosa entre espinhos — Tempo quaresmal — Indústrias do penitente — Ave Crux, Spes única.

NÃO DESCURA OS ESTUDOS

Amava Joaquim os livros e dava-se com gôsto às leituras. Escolhia com prudência as suas leituras. Sempre consciencioso, procurava livros sãos e nutritivos, para o seu espírito rico de fé e desejoso de luz. De bom grado, se entretinha com a vida dos santos — êsses amigos de Deus que tanto o edificavam. Estudava com empenho o latim, que, para êle tinha um sabor especial, por ser o idioma da Para êle a leitura era ótimo recreio. Quando regressava da oficina onde havia mourejado com afinco, encontrava no seu modesto lar, seus amigos — os livros. Os bons amigos, que tinha, sabedores do seu gôsto pela leitura lhe ofereciam periódicos de orientação segura. E o modesto sapateiro pascia seu espírito em conhecimentos úteis e edificantes. Foi assim que se pôs ao par da obra que Dom Bosco estava realizando em Turim e o enchia de admiração, inspirando-lhe desejos de participar de tão oportuno apostolado, genialmente pôsto em execução pelo grande Educador, a quem um dia chamaria com o doce nome de Pai

MORTIFICAÇÃO

Há por ventura, doutrina mais sólida, mais universalmente aceita, mais encarecidamente inculcada do que a mortificação cristã, na moral do Evangelho?

São Paulo, com a energia que lhe é peculiar, recorda a grande necessidade da penitência, nas suas cartas aos romanos, como aos coríntios, aos filipenses e aos colossenses. E qual foi o Santo Padre que se não fizesse eco das pregações do Divino Mestre sôbre as cidades de Corozaim, Betsaida, Cafarnaum?

Entretanto a sociedade repele a idéia da penitência; o século soberbo e egoista proclama feliz aquêle que mais goza nesta vida, além da qual nada mais vê. É o mundo saturado de doutrinas materialistas, um mundo fecundo em inventos de confôrto, mórbido e efeminado, que não quer entender da moral austera do Evangelho. Mas a moral não envelhece, a verdade não pode ser diminuída. mortificação cristã há de ser sempre a característica dos discípulos de Jesus Cristo. Podem os homens inventar uma religião comodista, tôda poética e consoladora, que condene tôda a penitência e faça a apologia do gôzo terreno. Será uma religião humana e romântica, mas estará muito longe da que pregou o Divino Mestre. Joaquim, em plena juventude, compreendeu a verdadeira religião de Cristo, que teve como cátedra para seus ensinamentos a cruz do Calvário. Bem cedo êle compreendeu a incompatibilidade do humanismo dos sonhadores e poetas com as máximas do Evangelho. Aprendeu com a natureza a defender cuidadosamente tudo quanto é delicado e frágil com a austeridade, como a roseira, que é agressiva e pungente na defesa de suas flôres.

Assim fizeram os habitantes de Nínive e o Senhor se amerceou dos ninivitas.

A formosa e santa Judite jejuava todos os dias à exceção dos sábados e salvou o seu povo (Judith VIII-3)

Lemos no Deuteronômio que Moisés, antes de receber as Táboas da Lei, jejuou quarenta dias. Também o profeta Elias depois de ter recebido o alimento do anjo, jejuou por quarenta dias. Não nos admire pois que almas desejosas de perfeição e cônscias da própria fragilidade, se sentissem inclinadas à mortificação. Por isso o nosso biografado não queria valer-se das restrições com que a Igreja vinha mitigando a lei do jejum. Êle continuava a observar o jejum guaresmal. Note-se que o atual jejum quaresmal é muito mais brando do que o da segunda metade do século passado época em que viveu Joaquim Honório. Ainda hoje, encontramos no interior do país, pessoas que jejuam, pela antiga lei; não quiseram acompanhar a evolução do jejum, perfeitamente autorizada pela autoridade eclesiástica. Não contente com a quaresma de jejuns que dêle pedia a Igreja ou, por ventura, nem pedia por ser precária sua saúde e forçado a trabalhar, Joaquim fazia, às vêzes, segunda quaresma, submetendo-se a nova série de mortificações corporais. Raramente tomava água, diz um seu íntimo companheiro, e passava até dias inteiros sem beber. E para tais mortificações não esperava o tempo quaresmal. Todo o tempo era tempo para as penitências dêsse môco amigo da Paixão de Cristo. Para os facínoras a cruz é instrumento de ignomínia e maldição; para os discípulos

de Jesus é uma escada para o céu, um trono em que a alma se coloca acima das paixões e domina as tendências e instintos que tentam escravizá-la.

TEMPO QUARESMAL

Entre as práticas de mortificação cristã, o jejum tem lugar de honra.

Mãe carinhosa e solícita, a Igreja teme que seus filhos sejam escravizados pela intemperança, pois ela bem conhece quão terríveis são os males decorrentes dessa terrível escravidão. Nutrir-se para o desenvolvimento do organismo ou simples reparação das perdas inevitáveis que êle deve sofrer, na luta pela vida, é condição indispensável para a existência que Deus concede ao homem. A fome leva o homem a trabalhar e o leva a não descurar o dever de se nutrir. Mas é triste a condição do homem que vive para comer em vez de comer para viver. A mesma natureza muitas vêzes pune duramente aquêles que não usam, mas abusam do alimento. As vítimas dos excessos no comer e no beber são muito mais numerosas do que as vítimas da fome.

Diz-nos São Mateus que o divino Mestre jejuou quarenta dias e quarenta noites (Cap. IV-2). Se não fôsse para nos ensinar o valor do jejum, como entender essa grande penitência? Éle a perfeição encarnada, sem a mínima necessidade de mortificação, submeter-se a tão austero jejum? A Igreja não podia deixar de nos repetir o ensinamento de Jesus. Ela instituiu a quaresma e designou outros dias no correr do ano a serem santificados pela penitência. E noutros tempos apesar de mais severas as leis do jejum, eram observadas com maior

fidelidade. Não se respirava então como hoje, essa atmosfera de mundanismo dos gozadores da vida.

Mesmo antes da vinda de Jesus à terra, o jejum foi sempre considerado como prática tôda própria para aplacar a Divina Justiça. Jejuavam os homens, jejuavam as crianças, jejuavam até os animais. Entendiam os homens que submetendo os mesmos irracionais à penitência prestavam homenagem à eterna Justiça (Conf. Jon. III).

INDÚSTRIAS DO PENITENTE

Tão acentuado amor à penitência dá clara mostra do espírito austero de Joaquim para consigo mesmo. Difícil porém se torna seguir o fio das pequenas mortificações que certamente abundam nas vidas dos apaixonados da cruz. Quantas vêzes sob trajes festivos, ocultam êles cilícios cruéis! Quantas vêzes encobrem seus membros macerados sob a aparência do confôrto e da delicadeza. Divino Mestre reprovou a penitência espalhafatosa, e seus verdadeiros discípulos escondem espinhos sob flôres para que a vista dos homens não lhes roube o merecimento das mortificações. antigos pagãos se riam dos estóicos que tanto alarde faziam das suas mortificações, pois achavam ridículo mendigar aplausos com simular amor ao sofrimento ou desprêzo pelos prazeres.

Os servos de Deus sabedores de que a flor da verdadeira penitência se cresta fàcilmente sob os olhares dos homens, industriosamente a escondiam. Por isso se torna difícil conhecer as privações a que se submetia Joaquim Honório que parecia naturalmente propenso a se furtar aos elogios e aplausos. Atesta um dos seus íntimos amigos que, anos a fio, dormia sôbre uma esteira estendida sôbre duas táboas. Parecia justo que após as canceiras do dia, concedesse a seu corpo o repouso necessário; assim porém não pensava o fervoroso operário. O mesmo espírito austero e mortificado presidia à sua modesta mesa. Sóbrio, muito sóbrio mal reparava as perdas do seu organismo, que não eram poucas, pois o desgaste de longas horas de trabalho, sem o confôrto conveniente, não pode deixar de ser exaustivo.

AVE CRUX, SPES UNICA

Canta a Santa Igreja — "Salve Cruz, esperança única". Refere-se naturalmente à cruz de Cristo que nos remiu. Mas a mesma saudação podemos dirigir à nossa cruz, pois é a cruz da nossa penitência, do cumprimento dos nossos deveres, das humilhações e das agruras da vida, que nos abre o caminho do céu. Joaquim amava a cruz. Singular efeito da Graca! Nada tanto repugna à natureza como o sofrimento. Aliás, é sofrimento por isso mesmo que nos repugna. Refratários ao padecimento, incapazes de nos acostumarmos à dor, na nossa fragilidade, relutamos sempre contra o que desagrada ou molesta — é um protesto constante de que nascemos para o gôzo. O amor à cruz não pode ser senão sobrenatural, já que sempre corre ao arrepio das inclinações mais vivas da natureza. A luta entre a natureza e a graca, essa desarmonia entre os sentimentos naturais e os sobrenaturais, só se explica pela triste herança da culpa original. A rigidez não era prerrogativa do nosso biografado. Ressentia-se de debilidade, sobretudo quanto ao funcionamento do aparelho digestivo. Era de ver entretanto sua fisionomia sempre calma e alegre, sem deixar transparecer as indisposições do seu organismo enfermiço. Antes, deve-se acrescentar que eram os dias em que o viam alegre — êsses que mais cruzes lhe deparavam. De sorte que sem lhe perguntar pelo estado de sua saúde, podia-se ler no seu sorriso, mais doce, que seu sofrer era mais intenso. Lembrava-se talvez do gôzo de que fala São Paulo, prometido por Deus aos que sofrem por seu amor. Ou tinha presentes por ventura as palavras do Mesmo Jesus (João XVI-33) quando exorta à confiança os que sofrem, porque Êle "venceu o mundo".

and the author of the set of the continue of t

O ASCETA

O homem é religioso — Escola doméstica — Amor à oração — No silêncio da noite — O Rosário.

O HOMEM É RELIGIOSO

O homem foi definido por um filósofo antigo animal religioso. Filosófica ou não a definição ao menos obedece à lei - omni et solo definito. A definição se ajusta a todo o homem e sòmente à violência se pode expungir do coração humano suas tendências para Deus. A prova experimental dessa verdade já foi feita, com resultado inteiramente oposto ao desejado pela impiedade que levou a têrmo a experiência. O menino de Sintennis será sempre uma prova da realigiosidade do homem. É certo que fomos criados para o céu. portanto impossível que não sintamos algum anseio por essa felicidade, para a qual Deus nos tirou do nada. Dêsse sentido decorre lògicamente o sentimento religioso, que não poderá jamais ser totalmente sopitado na alma humana. As superstições poderão sopitar, deformar de mil maneiras o sentimento religioso, entretanto elas revelam a existência dêsse sentimento, que se manifesta em todos os povos da terra, sem excetuar os mais bárbaros.

ESCOLA DOMÉSTICA

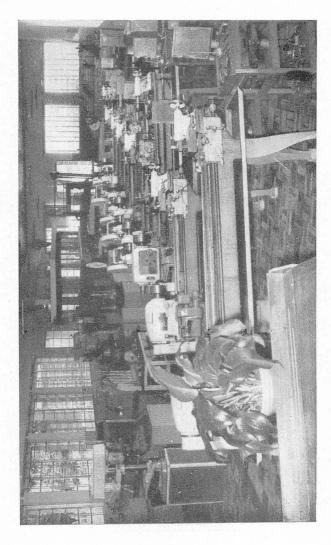
Que infelicidade para uma criança nascer em lar sem fé. Ela cresce e aos seus olhos se vão revelando as maravilhas da Criação. Tudo lhe fala da existência de Deus.

A beleza das flôres, a dinâmica da tempestade, o brilho do sol, o instinto dos animais, a amplitude do espaço povoado de astros, tudo lhe prega a existência de Deus. No seu interior há vozes que lhe dizem também, que existe um Deus. Mas seus pais, sem fé — só êles — lhe negam a verdade que a natureza lhe ensina. Como isso é triste! Quando porém a criança tem a ventura de nascer em um lar de fé, e aprende com seus pais a adorar ao Criador, sua fé se vai nutrindo e robustecendo para as lutas da vida. O lar cristão deve oferecer à alma tenra da crianca um clima sobrenatural. constante, para que as verdades da fé encontrem a melhor acolhida nesses coraçõezinhos abrem aos conhecimentos sobrenaturais. A casa paterna é o primeiro educandário que a criança tem na vida e nêle se forja o caráter, que mais tarde vai constituir a felicidade ou a desventura da mesma criança e, às vêzes, de tôda a família. Superada a fase infantil, êsse caráter pode sofrer várias modificações; mas, muitas vêzes, os traços marcantes dessa fisionomia moral se conservam por tôda a vida. Na época em que viveu Joaquim, em sua terra natal, eram bem poucas as famílias que faziam exceção quanto à mentalidade religiosa. Era geral a prática da vida religiosa, com as variantes das convicções e do fervor mais ou menos intenso. Joaquim dava graças a Deus por ter um lar rico de fé.

Sua alma infantil, logo aos primeiros bruxoleios da razão, voltou-se para o Deus que seus pais cultuavam. Cuidou a piedosa mãe de cultivar no coração do filhinho os bons sentimentos que não



Aprendizes retocando fotolitos. Instituto Bernardo Semeria, construído na cidade natal de Dom Bosco, para formação de Coadjutores Salesianos. (Itália)



Aspecto da mecânica da Escola Profissional Salesiana São José de Campinas, S. P.

eram exóticos, nem apenas aclimatados, mas nativos, na alma da crianca.

O primeiro cuidado, naturalmente, dos bons pais, cônscios de seus deveres de educadores, é o de remover os maus exemplos que podem deixar, na alma infantil, impressões nefastas, para tôda a vida. Com os bons exemplos e carinhosos conselhos que a voz materna sabe tão bem modular, embalará a alma infantil, lembrando-lhe o Pai do Céu.

posos, ao m**oãoano á soma** aladicos. Nem la para ele recteio mais ameno que entreter-se

Orar é viver para a alma de fé. Sem oração não se concebe virtude. Sem oração a lei de Deus nos parece cruel e injusta. Sem oração a vida é um fardo difícil de arrastar senão impossível. Ficou célebre o grito do infeliz a clamar: "É belo o céu, mas não é para mim". Êste brado de desespêro entretanto deveria ser de todos os homens, se não fôsse a oração que está sempre ao alcance de nossa alma. É tão alto êsse belo céu — como chegar lá? É tão elevada a doutrina do Evangelho — como praticá-la? Disse Jesus ao môço, que o interpelava: "Se queres gozar a vida eterna, cumpre os mandamentos". (Mat. XIX-17). Sim, mas é êsse mesmo Divino Mestre que assim fala: "Pedi e recebereis e ficareis plenamente satisfeitos". Aos viventes que Deus quis vivessem no espaço deu-lhes asas; aos homens destinados ao céu concedeu o Senhor o dom da oração. Aí está o grande segrêdo da vida cristã. Com a oração tudo se obtém: fôrca. alento, resignação, paciência, luzes, arrependimento, amor, salvação. Sem ela, nada se consegue em ordem à salvação. Daí a sêde insaciável da prece dos que tomam a sério o negócia da própria salvacão. Joaquim portanto não podia deixar de ser uma alma sequiosa de prece. Quem reza priva com Deus em encantadora intimidade. E por isso podiam vê-lo — Joaquim Honório — recolhido, em casa ou na Igreja, a se entreter com o Deus de sua alma. De preferência, diante do altar do Senhor, sob os olhares complacentes do Deus Eucarístico, prostava-se a alma do humilde artífice. Voltava do trabalho em que se lhe fôra o dia todo, repartia com a família alguns momentos e guardava para o seu Deus os lazeres, que outros desfrutavam senão culposos, ao menos inúteis e resvaladiços. Nem havia para êle recreio mais ameno que entreter-se com o Senhor, nessa privança tão íntima, que as almas boas sabem usufruir.

Nessas audiências, que lhe concedia o Rei dos Reis, sua alma de fé hauria aquela paz que transcende a todo o prazer terreno e robustece a vontade para as lutas da vida.

NO SILÊNCIO DA NOITE

Espetáculo de fé — sem dúvida salutar para a indolência espiritual dos tíbios é o homem prostrado, no coração da noite, diante do altar de Deus Eucarístico.

Nessa época, ainda não era bem conhecida no Brasil a obra que depois cresceu tanto no seio da Igreja e teve, nos últimos tempos, seu grande apóstolo no sacerdote há pouco canonizado — Pedro Julião Eymar. Mas se encontrava alguma alma de modo particular atraída pela devoção eucarística, desejosa de lhe prestar o culto da adoração noturna. Nas horas silenciosas na noite, enquanto os homens dormem e nas igrejas tudo é silêncio, nessas horas em que o Deus eucarístico fica intei-

ramente só, no seu tabernáculo, almas privilegiadas, furtando-se ao repouso, vão dialogar com Deus. Pedem-lhe perdão para os que dormem o sono da culpa, com perigo de só despertarem ao som das trombetas do Juízo Final. Pedem-lhe bênçãos para os que não têm tempo para cuidar de suas almas, porque gastam as horas livres do dia e da noite, em diversões, por vêzes pecaminosas. Rezam pelos que não rezam, quando são precisamente os que mais necessidade têm da Misericórdia de Deus. Joaquim era um amigo de Jesus Sacramentado e um dos seus adoradores noturnos. Algumas vêzes Joaquim passava alguns dias na cidade do Tôrvo, que fica perto de São João. Aí, em companhia de amigo também piedoso, êle dispondo de mais tempo dava-se com frequência ao exercício da adoração noturna. Conhecia Joaquim provàvelmente a vida dos grandes amigos de Deus, que ao raiar do dia, queixavam-se do sol que lhes interrompia a oração iniciada na véspera. E com êles aprendeu a cultivar a mais consoladora e proveitosa das amizades a daquele que disse: Vinde a mim todos vós que andais abatidos e oprimidos, que eu vos confortarei.

O ROSÁRIO

O Rosário — devoção tão querida dos devotos da SS. Virgem — é o compêndio dos mistérios da nossa fé. É a biografia a um tempo de Jesus e de Maria. É o livro sublime ao alcance de todos — doutos ou analfabetos. É arma terrível aos espíritos infernais e corrente de amor que nos prende à Mãe do céu. É um baraço fatal às heresias e escada para o céu. É um conjunto das magníficas manifestações da Justiça e da Misericórdia e uma biografia resumida de Jesus e de Maria. É o histórico da

nossa Redenção e um veículo de grandes graças em favor dos que o manuseiam com fé. É um tecido das mais belas orações que possamos recitar. Oh! bem sabia nosso Joaquim que tesouros se contêm nas pequeninas contas do rosário — Contas que nos mistérios gaudiosos são botões de esperança que desabrocham em nossa alma; nos mistérios dolorosos são lágrimas de amor; nos mistérios gloriosos são estrêlas de Glória. Vê-lo desfiar o têrco, todo recolhido e absorto era sentir-lhe o viço da fé que fazia brotar rosas de fervor entre os dedos calosos de humilde operário. A prece do operário...! Aí vai a solução de graves problemas, que já naquele tempo começavam a agitar a legião dos homens do trabalho, sob o influxo de ideologias deletérias. Como é completa a oração do rosário! Em certa maneira, para ela concorrem nossas fôrcas físicas, intelectuais e morais. Fisicamente movimentamos os dedos, debulhando as contas, intelectualmente refletindo nos mistérios, moralmente movimentando nossa alma em desejos, súplicas e compunção. Vibram os lábios aos acentos das nossas mais belas preces, rolam na mente as mais belas verdades da fé, inflama-se a vontade em ardentes afetos. Joaquim, alma talhada para as sublimes ilustrações da fé, deliciava-se na recitação do rosário; intuía arcanos que eram vedados a muitos seus companheiros de trabalho, dos quais exteriormente, mal se distinguia. Estava interiormente distanciado pela piedade, que sabia cultivar, entre os misteres de sua profissão. Sensível às belezas da vida mística, êle se deliciava vendo, com os olhos da alma, desfilar os dogmas, enquanto seus companheiros se entretinham em vas miragens, portadoras sempre de desenganos. Era para êle um prazer ao deixar os instrumentos do trabalho, tecer grinaldas de rosas místicas a quem invocamos precisamente com o título de ROSA MÍSTICA. Naturalmente muitos eram os favores que Joaquim recebia de sua Mãe Celeste. Éle se comprazia em recordar agradecido êsses favores. Entre outros contava que estando no Rio de Janeiro provàvelmente para adquirir material para sua pequena fábrica de calçados, marcou sua viagem de regresso. Mas teve de protelar a partida. Recebe então a notícia de que o trem da Central do Brasil em que devia ter embarcado sofrera grande desastre. E êle sabia ser reconhecido.



O CULTIVO DA CARIDADE

Conferência de São Vicente — Confrade exemplat — A presidência — Uma fundação.

CONFERÊNCIA DE SÃO VICENTE

Os discípulos de Francisco Ozanan tinham assentado suas tendas em São João del Rei e a obra prosperava. Lá estavam êles repartindo entre os pobres, com o pão material, o pão do bom conselho, do bom exemplo, do confôrto de que são mensageiros os Vicentinos.

Santificando-se no exercício da caridade, santicando os pobres nas visitas semanais, santificando os próprios lares com as bênçãos, que atraem, com o bom exemplo que dão, santificando a mesma sociedade com um teor de vida todo cristão — êsses pioneiros do bem eram objeto de admiração e respeito dos seus conterrâneos.

Em boa hora foi transportada para o Brasil essa instituição tão simples em sua organização e tão eficiente na consecução dos frutos colimados. Em pouco tempo, as Conferências de S. Vicente se espalharam por todo o Brasil. Tôdas ou quase tôdas as Dioceses se puderam beneficiar, dentro de poucos anos, com os frutos opimos da caridade vicentina. Agremiando os bons elementos que — Deus louvado — sempre há em tôdas as paróquias, constituem as Conferências um núcleo de resistência, contra o qual se quebravam os ercarcéus da

impiedade, e um centro de irradiação de benefício aos pobres. A união dos bons elementos é uma necessidade para o mútuo auxílio no cumprimento dos deveres e para o estímulo à prática das boas obras. Os vicentinos por disposição do próprio regulamento, devem cuidar do seu aperfeicoamento, a fim de poderem exercer a caridade com eficiência; nem se descuram dos meios espirituais que a Igreja propõe aos que querem servir a Deus como verdadeiros cristãos. Na época em que viveu Joaquim Honório, não havia ainda, entre nós, algumas organizações que hoje existem, como a Ação Católica, a Legião de Maria e outras; eram as Conferências de S. Vicente que exerciam o apostolado mais ativo, tratando-se de organizações masculinas.

CONFRADE EXEMPLAR

A primeira Conferência que se fundou em São João, teve sua sede de sessões na Igreja Matriz e por isso se chamou Conferência de N. S. do Pilar.

Joaquim Honório, quando conheceu a finalidade da Conferência logo percebeu que coincidiam muito bem suas idéias com o espírito vicentino e quis ser dos primeiros elementos integrantes da Primeira Conferência. Seus confrades notaram bem de pressa a solicitude com que aquêle modesto membro se batia pela prosperidade da Conferência e a caridade que o guiava nas visitas domiciliares aos socorridos. Assíduo às sessões, observante do regulamento, cheio de zêlo — Joaquim era apontado como confrade exemplar.

Sua renda era muito modesta e por outro lado devia cobrir quase tôdas as despesas da família;

mas era tão generoso que sempre concorria para as despesas da Conferência. Jesus que mostrou seu contentamento ao ver a pobrezinha que deitava seus ceitís no gazofiláceo do templo, deve ter tido olhares de complacência para a liberalidade dêsse confrade, que, só com economias severas, podia ser generoso como era.

Diz o salmista (SAL; 40-I) que é bem-aventurado o que entende o pobre e anuncia a proteção divina sôbre êsse bem-aventurado no dia de infortúnio. E quem se esquece de sua própria pobreza para só se lembrar das necessidades do indigente, que não merecerá de Deus? Devem ter sido muito zelosos os confrades das nossas primeiras conferências; é o que se pode concluir pela vitalidade do movimento vicentino que se irradiou.

Realmente, em breve lapso de tempo, se multiplicaram êsses abençoados núcleos de caridade vicentina.

A PRESIDÊNCIA

Não causou surprêsa a notícia de que o Confrade Joaquim Honório dos Santos tinha sido investido da presidência da Conferência. Modesto sapateiro, ao lado de homens de elevada posição social. Só realmente pelo prestígio da virtude se explicava o prestígio do modesto confrade. Verdade é que não lhe faltavam dotes. Reservado, mas ativo; humilde mas não falto de instrução; sem posição social, mas muito conceituado pelo procedimento modelar — podia êle preencher muito bem o cargo que a confiança dos seus confrades depositava em suas mãos. Cousa digna de nota é que permaneceu na memória dos que o conheceram a

solicitude com que êle realizava a visita domiciliar tão recomendade aos confrades. Feliz do socorrido que o tivesse por mensageiro da caridade. No mesmo dia da sessão, que era geralmente o Domingo, o zeloso vicentino se punha a caminho da casa do pobre, que lhe cabia visitar, naquela semana. Como sabia êle entender a importância dessa visita domiciliar! Entendia bem que aquêle vale de auxílio material era mais um bilhete de entrada no tugúrio do pobre do que outra cousa. Não é fácil entender a ansiedade com que o pobre aguarda essa visita portadora de confôrto físico e moral. E que partido sabia Joaquim tirar dessa disposição da alma do seu socorrido para o aconselhar, como verdadeiro amigo! Era o enviado da providência. Era o anio confortador. Era o raio de sol que penetrava na escuridão fria do pobre casebre. O pão material que ia confortar a família, era o menor dos benefícios que Joaquim canalizava para o pobre lar. Sua presença simples e bondosa, suas palavras repassadas de caridade, suas atenções para com os velhinhos, os doentes, as crianças — mais que o socorro material alegrava aquêle reduto da miséria. Só Deus conhece o bem que o modesto vicentino fêz àquêles pobres, muitos dos quais são pobres em todo o sentido. Uns são viciados, outros esquecidos de seus deveres de cristãos, outros vítimas da ignorância. A acão apostólica dêsse vicentino tinha particular eficácia porque êle não se limitava a socorrer órfãos e viúvas, mas, como ensina São Tiago (JACOB I-27), se conservava isento do contágio do século. Que salutar influência não exerce sôbre o coração amargurado de um indigente um vicentino aureolado, como o nosso, pela mais solícita caridade! Mais que a mão cheia de ouro, tem o poder de enxugar lágrimas do pobre coração

transbordante de bondade. Mesmo porque sòmente êsses corações sabem compreender a dor que habita no coração do deserdado da sorte e perceber as úlceras mais recônditas da alma do indigente. Com a inteligência do seu coração 'menti cordis sui", Joaquim sabia lenir, com suavíssimo bálsamo, chagas profundas, que também por ser êle mesmo pobre, sabia descobrir.

UMA FUNDAÇÃO

Compreendia Joaquim Honório que o benefício das Conferências Vicentinas eram também em favor dos próprios confrades e — pode-se dizer — principalmente em favor dêles.

Realmente, como diz Frederico Ozanan, convém colocar a fé sob a proteção da caridade. Queria dizer naturalmente que a caridade concorre poderosamente para manter pujante a fé do cristão. É um fato. Dir-se-á que Deus preza tanto o homem caridoso que lhe concede a imensa graça da conservação da fé. A oração do mendigo em favor do seu benfeitor é de grande valia diante de Deus. Unidos os vicentinos, na prática dos seus deveres de bons cristão, se sentem mais decididos na observância da lei de Deus. Sua fé se torna desassombrada e o respeito humano, que a tantos acovarda. desaparece das hostes vicentinas. Soldados da caridade enfrentam o bom combate e se libertam da pusilanimidade que inutiliza a boa vontade de cristãos outros com capacidade de realizar grande bem e nada fazem.

Uniu-se Joaquim a alguns bons amigos e tratou de fundar uma conferência no Turvo localidade em que já o surpreendemos em longas orações noturnas. O bem é difusivo. Como o óleo, por sua natureza tende a difundir-se, assim o bem; onde não há impecilhos fàcilmente se difunde; não lhe ponham embargos e êle conquistará mais e mais terreno. São João acusa de mentiroso o amor a Deus se êle exclui o amor do próximo (Cap. IV-20). Doutrina genuinamente divina, já que Jesus compendia tôda a lei no amor de Deus e do próximo (Mat. Cap. XXI).

Compreendia Joaquim Honório que o beneficio das Conferências Vicentinas eram também em favor dos próprios confrades e — pode-se direr — plucipalmente un favor dêles.

Resimente, como dia Frederico Ozanan, convem colocar a fe sob a proteção da caridade. Queria dixer naturalmente, que a caridade concorre podecos una fato. Direse-à que Deus preza tanto o homem varidade que lire concede a imensa graça da conservação da fe. A oração do mendigo em favor do servação da fe. A oração do mendigo em favor do seu benfeitor é de grande valia diante de Peus de bons cristão es sentem mais decididos na observação da tel Deus. Sua fe se torna desassomde bons cristão es sentem mais decididos na observação da lei de Deus. Sua fe se torna desassombade a o serpei a humano, que a tantos acovarda, de sua cale de contrator das vicentinas. Soldados da cale de sua contrator que inutiliza a boa ventam da pusitanimidade que inutiliza a boa ventado de cistãos outros com capacidade de realizar grande bem e cada fazem.

VII

AMIZADE PRECIOSA

Glórias sanjoanenses — O Padre Machado — O Bom amigo — Mútuo benefício — Herança preciosa.

GLÓRIAS SANJOANENSES

Nas tradições de glórias sanjoanenses, entre poucas de maior estima e mais puro brilho, merecem ser notadas duas figuras sacerdotais. O Padre José Maria Xavier e o Cônego Antônio José da Costa Machado, sempre chamado pelos conterrâneos — Padre Machado.

O Padre José Maria Xavier, foi músico exímio e fecundo compositor. Deixou avultada bagagem de composições sacras. Por longos anos, nas funções religiosas, a música que se ouvia era a do Motu Proprio que a regulamentou, dando-lhe a sobriedade e gravidade mais condizente com o espírito litúrgico. O Motu Proprio é de Pio X e data de 22 de novembro de 1905. Não se pode porém negar que eram muito belas e grandiosas, pôsto que um tanto teatrais, essas antigas composições. O nome que, em todo o Estado, conquistaram as festas religiosas de São João, em grande parte, se deve atribuir ao majestoso das composições sacras do padre compositor. Os conterrâneos do ilustre filho de São João perpetuaram sua admiração por êle, erigindo-lhe uma herma com o seu busto, em uma das praças da cidade.

O PADRE MACHADO

De todos os sacerdotes que passaram pelas gerações sanjoanenses, nenhum deixou sulco tão profundo na memória e no coração do povo, como o Cônego Antônio José da Costa Machado, popularmente conhecido por Padre Machado. Por muitos anos após a sua morte, se conservou a lembrança das suas virtudes e dêle se falava com veneração e estima. Morreu a 21 de junho de 1884, com cincoenta anos, pois nasceu em 1834.

Na sua mocidade, o Pe. Machado iniciou-se na carreira naval; começou a estudar direito e não continuou; ingressou na escola de engenharia e não prosseguiu. Era môço inteligente e parece que aspirava a alguma outra cousa que o satisfizesse. Afinal encetou os estudos eclesiásticos e se encontrou no seu lugar. Ingressou no seminário de Mariana, aí contraiu a polinevrite e se transferiu para o Seminário de São José, do Rio de Janeiro. Aí se ordenou em 1860.

Foi diretor de um colégio em Congonhas, depois de outro colégio, em Petrópolis, e ainda de outro em São João. Era professor de nomeada. Tinha preciosa biblioteca. Como orador sacro, era muito admirado. Contam que o ouviu certa vez o imperador D. Pedro II, o qual depois dando-lhe os parabéns lhe disse que devia colocar uma dentadura para ser ainda melhor a sua pregação. O cônego respondeu: Sim, é possível, Senhor, mas talvez não fôsse muito bom o efeito. — Oh! por que, Padre Machado? — Vossa Majestade sabe que o machado com dentes pode fazer mais barulho, mas corta mal.

O Padre Machado sabia aliar o saber virtudes mais peregrinas. Os doutos como os humildes analfabetos o estimavam. Era manso e afável, austero consigo e cheio de bondade para com os outros. Almeida Queirós em um periódico de Juiz de Fora, conta que o Cônego viajava um dia do Rio para Minas. No mesmo carro da Central do Brasil viajavam também alguns estudantes da Escola Politécnica e comecaram a dizer pilhérias para achincalhar o sacerdote. O Padre Machado não perdeu a sua calma habitual. Com tôda a mansidão e afabilidade lhe disse: "Mocos sei que gostais de gracejar. Eu também já fui môço jovial como vocês. Frequentei essa mesma Politécnica até o quarto ano. Mas nunca faltei ao respeito às pessoas dignas e meus pais me ensinavam a beijar a mão aos velhos. Porque não haveis de ser caridosos para comigo que não estou fazendo mal algum? Os moços se aproximaram, pediram desculpas e comecaram a ouvir o sacerdote que os encantou com a sua erudição e afabilidade. Era de extraordinária liberalidade para com os pobres. Certa vez recebeu um envelope contendo uma generosa oferta, após o sermão. Pouco depois encontra uma pobre que lhe pede uma esmola e êle lhe entrega a importância recebida. Continua seu caminho. quando vê que a pobre volta para dizer-lite que êle se tinha cuganado porque lhe tinha pedido apenas uma esmola. Mas o bom sacerdote lhe diz que guardasse . "Mas sr. Padre — diz ela — são quinhentos cruzeiros"! — "É São Vicente — responde o Padre — que manda para você comprar agasalho para seus netinhos". - A pobre chorava de comocão.

Era o P. Machado grande amante da pobreza evangélica, quer no traje, quer na alimentação.

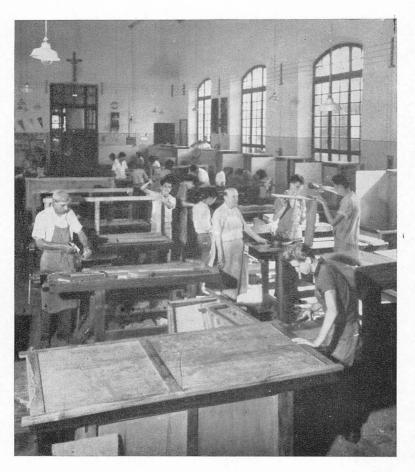
Fizera voto de não comer carne e o manteve fielmente. Consta que tentando extrair um calo do dedo mínimo do pé, se feriu. Não querendo faltar aos seus deveres paroquiais, faltou ao devido repouso. O pé se lhe inflamou extraordinàriamente. Apesar disso foi oficiar na procissão de Corpus Christi. Chegando em casa, recebe o chamado para atender a um doente a três léguas de distância. Com dificuldade monta a cavalo e vai levar os últimos Sacramentos ao enfêrmo. Foi sua última viagem. No dia 16 de junho (1884) já não pôde celebrar. Pediu a um amigo que não lhe deixasse faltar os últimos socorros da Religião.

A 21 de junho, avisado pelo Padre José Pedro da Costa Guimarães que já alí estava o Viático, fêz comoventíssima profissão de fé. A 24 dêsse mês de junho entregou o Padre Machado sua bela alma ao Criador. Nunca se viu morte mais sentida em São João. No dia seguinte, o entêrro foi uma glorificação de lágrimas. Os jornais da época de diferentes cidades tecem os maiores elogios ao virtuoso sacerdote.

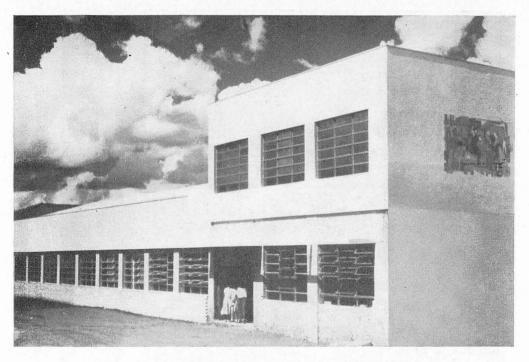
O que se ouvia com frequência era a frase — Morreu um Santo.

O BOM AMIGO

Diz o Sábio: "O amigo fiel é forte proteção, quem o descobriu, descobriu um tesouro" (Eccli. VI-14). Nosso Joaquim foi um feliz descobridor. Há uma espécie de atração das almas boas entre si. São animadas pelas idéias que elas comungam, orientando-as para o mesmo fim. A mútua defesa as aproxima e os mesmos interêsses estreitam sempre mais a amizade que as enlaça. Joaquim Ho-



Um aspecto da marcenaria do Instituto Dom Bosco do Bom Retiro São Paulo — Capital



Um lance da moderna Escola Profissional Salesiana de Campinas (S. P.) Aqui se formam os futuros Coadjutores Salesianos.

nório era grande admirador do P. Machado. Desejoso de vida mais perfeita, resolveu entrar em concêrto com o virtuoso pároco com o qual desejava conviver. O virtuoso Sacerdote que conhecia a alma de Joaquim, tão rica de graças celestes, não duvidou em franquear-lhe a casa. Longamente conviveu com seu pároco nosso humilde artífice, privando com êle como um irmão. Simples e sincero confidenciava com seu grande amigo, nas horas em que lhe davam tréguas os deveres dos respectivos estados.

O sacerdote admirava as virtudes do seu companheiro de moradia. Este, por seu turno, se edificava, contemplando os grandes dons, de que Deus ornara aquela bela alma sacerdotal. Entretinhamse com frequência em assuntos espirituais, crescendo em ambos assim o fervor religioso e o espírito de sacrifício. Esta provàvelmente foi a quadra mais feliz de Joaquim, no século. Nos enlevos da vida interior a que o convidava o gênero de vida que iniciara, provàvelmente se lhe terá despertado a idéia de servir a Deus, longe do século. Os enlevos da vida interior, à qual o convidava a paz e o clima de santidade da casa paroquial, terlhe-ão quiçá incrementado o desejo de se consagrar inteiramente ao serviço de Deus na vida religiosa. Durante sete anos, Joaquim desfrutou do santo convívio com o santo sacerdote.

MÚTUO BENEFÍCIO

"É melhor ter um companheiro do que estar só; assim contam ambos com o auxílio mútuo. Se um cair, o outro ser-lhe-á de amparo. Ai de quem estiver sòzinho: não tem quem o levante". (Eccl.

9-10). Quanto é doce encontrar na vida uma alma que compreenda a nossa! Ao primeiro encontro êsses dois corações — que só buscam o serviço de Deus — já se podem chamar amigos velhos. Muitas vêzes, encontramos duas pessoas que apesar da convivência, depois de muitos anos ainda são éstranhos entre si! Feliz quem encontrou na vida um espírito esclarecido e rico de virtudes, capaz de lhe entender as mágoas e necessidades do coração. O P. Machado fêz essa felicidade do nosso Joaquim. Eram duas almas de Deus. Quando, em terra estranha, o peregrino, saudoso da pátria distante, cansado de ouvir articulações a que não se confazem seus ouvidos, ávido de ouvir a linguagem que aprendera nos joelhos maternos e que balbuciou ao pé do bêrço, quando êsse peregrino ouve alguém, desconhecido embora, saudá-lo na própria língua, sente um prazer indefinível. cousa semelhante no encontro de duas almas para as quais Deus é a vida.

No bulício desta terra de exílio, sempre se ouve a linguagem dos interêsses terrenos e diversões efêmeras. O homem de Deus se sente como o estrangeiro nesse meio. Será um venturoso se encontrar alguém, cujo coração, como o dêle, saudoso da pátria celestial pulsar uníssono com o seu, falar a linguagem que êle fala. A fusão das idéias caldeia-lhes os espíritos na mais estrita união. O P. Machado e Joaquim Honório viviam Jesus Cristo. Podiam ambos repetir com São Paulo: "Eu vivo, mas não sou eu, é Cristo que vive em mim". Viviam ambos vida de mortificação e caridade e percorriam pressurosos os caminhos da santidade. Com Joaquim Honório vivia na casa paroquial um seu amigo também vicentino dedicado — João Feliciano, a

quem devemos preciosas informações do nosso biografado. Os exemplos de virtude do P. Machado encontravam grande ressonância nas almas dêsses dois vicentinos, seus piedosos hóspedes.

Um velho alfaiate, que fôra companheiro de infância de Joaquim, informa também que desde a infância Joaquim era de procedimento exemplar. Mostrava desde menino muito gôsto pela música.

HERANÇA PRECIOSA

Quando P. Machado entregou a Deus sua bela alma, Joaquim profundamente alanceado pela perda do melhor dos amigos, chorou longamente. Não lhe reprovemos as lágrimas. Jesus também chorou a morte de seu amigo Lázaro, a ponto de exclamarem os judeus: "Vêde como êle o amava" (João XI-36, 44). Diga-nos embora a fé, apontando para o céu: "Lá está. O coração tem imperativos que se não coíbem. Demos-lhe o honesto desafôgo das lágrimas.

Mas que rico cabedal de exemplos não herdou o humilde do bom amigo!

Ele presenciou muitos dos seus gestos de caridade e abnegação. Viu quando êle na última enfermidade, sem poder, foi ainda atender, em longa viagem a cavalo, a uma ovelha do seu rebanho espiritual. Viu o bravo soldado voltar da linha da frente, com a vitória na mão, mas mortalmente ferido. Assistiu aos seus rasgos de generosidade para com os pobres, reduzindo-se também êle a verdadeira pobreza. É traça habitualmente seguida pela Providência colocar ao lado dos seus prediletos algum exemplo vivo de virtudes que lhe sirva de norma prática nos trabalhos da própria santifica-

ção. Joaquim Honório teve ao seu lado êsse insigne sacerdote. E quando a morte lho roubou aos olhos, continuou seu grande amigo a viver em sua memória, como em um santuário, no qual recebia o culto da mais sincera admiração e reconhecimento. Supõe-se que Joaquim guardou para si o cilício com que se supliciava o P. Machado. O certo é que Joaquim intensificou o espírito de penitência com que macerava seu corpo enfermiço.

VIII

PROGRESSO NA ASCESE

Alma privilegiada — O Sacrifício da Missa— As fontes da graça — Um episódio.

ALMA PRIVILEGIADA

Bem claramente se afirmou o ascetismo dêsse homem de aparências tão vulgares.

Isso admira porque o asceta que deveria ser todo e qualquer cristão se tornou raro nesse século de futilidades e soberba. As correntes do naturalismo, a sêde de diversões dificultam à alma libertarse dos liames terrenos. O asceta é um enamorado do céu. Paira acima das atracões mundanas, porque os encantos espirituais lhe fazem esquecer os atrativos terrenos. Pode êle repetir com tôda a sinceridade: "Como a terra me parece sórdida quando contemplo o céu!" Poucas são as almas que se deixam empolgar pelo bem único e verdadeiro — Deus. Entretanto irresistivelmente a alma tende ao Bem Supremo. Privilegiadas pois se devem julgar as almas que deixando imensamente abaixo as almas vulgares ascendem às alturas, em que só se respira a fé. Envôlta em exterioridades comuns a alma de Joaquim, talhada para os arcanos da ascese, era peregrinamente bela e assim se extremava das numerosas outras que lhe eram contemporâneas. Quem visse outrora o "Filho do Carpinteiro" calejando suas mãos divinas no manuseio da serra e do cepilho, não lhe teria adivinhado através dos disfarces da pobreza, a perfeição Infinita.

O SACRIFÍCIO DA MISSA

O grande Doutor da Igreja — São Francisco de Sales, confirmando a doutrina teológica, localiza no Sacrifício da Missa o centro de tôda a piedade cristã. Se a Redenção do homem é o eixo da história de tôda a humanidade, ponto de convergência de tôdas as figuras e profecias, da Antiga Lei, bem como ponto de partida de todos os acontecimentos da Lei da Graça, a Santa Missa há de ser sempre o Sol da Igreja. Em tôrno do Altar há de sempre girar o mundo cristão. Dali é que se irradia a luz e o calor para dar vida ao cristianismo. Para o nosso Joaquim, o Holocausto Sacrossanto em que o Filho de Deus se imola pela humanidade era o manancial, donde a largos haustos, bebia o alento para as lutas da vida natural e sobrenatural. Assistia diàriamente ao Santo Sacrifício. Por motivo de saúde, não deixa de ir à missa, porque tinha contraído o costume de não dar ouvidos aos achaques. Motivos de trabalho tampouco o impediam, pois era madrugador. Quem pode então adivinhar o que se passava entre essa alma de Deus e o Deus dessa alma? Que rios de graças não derivavam do Altar do Holocausto para irrigar copiosamente o espírito seguioso de bens celestes do humilde sapateiro. A Santa Missa infelizmente não aproveita senão a um número limitado de almas, salvas entretanto tôdas elas pelo Sacrifício de Calvário, do qual a missa é nada menos que a reprodução, em forma incruenta. As ondas da Divina Misericórdia brotam, de contínuo, dêsse Altar em que se

imola o Filho de Deus — e quantos são os que se abeiram dêsse manancial de graças? Por ventura se arreceiam de perder tempo? É perder tempo recolher riquezas? É perder tempo aproximar-se da meta suspirada? É perder tempo iluminar a própria inteligência com a mais pura luz? É perder tempo retemperar a alma para as lutas da vida? A sabedoria do céu que era a inspiradora do nosso Joaquim compreendia bem onde devia encontrar as munificências da Redenção.

AS FONTES DA GRAÇA

Joaquim Honório dos Santos foi contemporâneo de Ŝão João Bosco — o fundador da Congregação que um dia acolheria entre seus Religiosos o humilde sanjoanense. Uma das notas características do zêlo de Dom Bosco foi o de tornar a Santa Comunhão frequente quanto possível entre os fiéis. Sabia o esclarecido Sacerdote que o desejo de Jesus Cristo, ao instituir a Eucaristia era precisamente o de se unir às almas por êle remidas. Sabia que os primeiros cristãos, nos albores da Igreja, eram assíduos em receber o Pão da Vida. Sabia também que o sôpro gelado do jansenismo havia feito arrefecer nas almas o amor à Eucaristia, distanciando-as do altar de Deus. Por longos anos, o Deus que se sacramentara precisamente para se dar aos homens, como alimento e medicamento, viu-se confinado em tabernáculos abandonados. Classes inteiras julgavam-se total ou quase totalmente impedidas de receber o Pão Eucarístico. As crianças deviam esperar que passassem os mais inocentes anos de sua vida, para serem admitidas à Primeira Comunhão. Entretanto foi o mesmo Jesus que

disse: "Deixai vir a mim os pequeninos". A vida de São João Bosco foi uma campanha contínua contra êsses erros funestos. A Comunhão era uma realidade no seu Oratório de Turim. Não descurava a preparação; mas procurava não retardar a primeira Comunhão, porque entendia que Jesus devia tomar posse do coração infantil o mais cedo possíevl.

Se São João Bosco vivesse mais alguns anos teria tido a consolação, mesmo nesta terra, de ver suas idéias ratificadas pelo Magistério da Igreja. São Pio X, com o Decreto "Sacra Tridentina Synodus" quebra os preconceitos relativos à Comunhão frequente. Com o Decreto "Quam singulari" diz que a idade para a primeira Comunhão é a idade em que a criança começa a discorrer, idade em que ela saiba distinguir o Pão Eucarístico do pão material. O Código do Direito Canônico diz no sânon 863: "Sejam os fiéis exortados a se nutrirem com frequência, mesmo diàriamente, com o Pão Eucarístico, consoante as normas dadas nos Decretos da Sé Apostólica".

Nosso Joaquim soube entender, com a simples intuição das almas retas, que o SS. Sacramento fôra instituído para alimento de nossas almas e remédio de nossas enfermidades espirituais. Acercava-se sempre da mesa do Festim Celeste para dela se retirar retemperado e forte (João VI-35). Refocilava-se com o Pão dos Fortes, que desce aos nossos Altares, precisamente para ficar ao alcance de nossa pobre alma, que, sem êle, desfalece no caminho da pátria celeste (João, VI-52). Mergulhava sua alma nas ondas salutares do banho redentor, em que o Filho de Deus resgatou o mundo (Pange lingua...).

Foi confessor do nosso Joaquim o Cônego Antônio José da Costa Machado; quando êste faleceu, tomou para confessor o P. José Pedro da Costa Guimarães, mais tarde Monsenhor, de quem recebemos edificantes informações sôbre seu antigo penitente.

UM EPISÓDIO

O que passo a narrar servirá para se ter idéia da mentalidade da época, em que viveu Joaquim e para lhe conhecermos o temperamento.

Antônio da Silva Jardim, o conhecido demagogo republicano, notável pela sua eloquência e exaltação de idéias, percorria Minas em propaganda das idéias que o animavam.

Não é fácil entender hoje o que era naquele tempo, nas cidades do interior do Brasil, o que era o regime republicano. Províncias, que desde os tempos mais recuados da nossa história só conheciam o regime monárquico, estremeciam ao ouvirem falar em república. Acresce que contemporâneamente, faziam a propaganda de idéias mais ou menos desrespeitosas aos sentimentos religiosos do povo católico. Mesmo depois de proclamada a república, por muito tempo ainda atribuíam ao nôvo regime tôda a sorte de calamidades que surgiam. aqui e acolá. Dizia-se mesmo que se queria implantar no Brasil uma república positivista ou ao menos sem religião. Silva Ĵardim realmente se fêz arauto de idéias que discrepavam do espírito religioso dos nossos sanjoanenses. Organizou-se então em São João uma forte reação contra o propagandista republicano. O grupo dos valentes, que organizaram a cruzada, estava animado com a idéia de uma guerra santa contra as novas idéias irreverentes do demagogo. Joaquim — temperamento decidido

e ardente — encarou a propaganda como agressiva contra o espírito religioso tradicional de São João; armou-se como um cruzado e se foi incorporar ao grupo dos reacionários. A casa em que se hospedava Silva Jardim foi apedrejada. Quis o povo mostrar que repelia os insultos reais ou imaginários à sua crença, na terra de Tiradentes, com o mesmo desassombro com que ali se pugnou pela emancipação política.

Silva Jardim foi com suas idéias para a Europa e lá teve como sepultura a cratera do Vesúvio. Consta que êle fazia propaganda da incineração dos cadáveres e estudava a construção dos fornos crematórios. E foi morrer num vulção.

A CAUSA DOS OPERÁRIOS

Dom Bosco e o operariado — Os cárceres — A vida operária nos grandes centros — O operário e o futuro.

DOM BOSCO E O OPERÁRIO

Dom Bosco é o humilde pastorzinho dos Becchi, transformado pela Providência em apóstolo do bem. Cuidou êle sobretudo da juventude e do operariado.

Nos decretos divinos, estava escrito que o humilde pegureiro piemontês seria o grande amigo do operário, preocupado sobretudo em prepará-lo desde jovem para livrá-lo, em tempo, das ideologias, que tentariam arrastá-lo à ruina. Preparando tècnicamente o operário e formando-lhe o caráter, desde a juventude, Dom Bosco resolveria os problemas da classe. Formaria técnicos, que se imporiam pela proficiência, e os libertaria pela educação genuinamente cristã das malhas de doutrinas funestas e ilusórias.

Ensinaria aos jovens o caminho do bom cristão, dando-lhes, ao mesmo tempo, uma proteção valiosíssima no patrocínio de N. S. Auxiliadora. Um século atrás, as medidas que Dom Bosco adotou para salvar os operários são ainda hoje as que podem resolver os problemas dos homens do trabalho.

Abriu escolas de artes e ofícios para aparelhar tècnicamente o operário. Pois sabia que o operário

competente sempre tem trabalho e sempre pode conservar sua independência e honestidade. tretanto dava-lhe uma educação eminentemente cristã, pois tinha a certeza de que, sem a proteção divina, o operário nunca poderia encontrar sua felicidade, nem mesmo nesta vida. O método educativo de Dom Bosco era uma aplicação prática da mais bem entendida caridade. Profundamente razoável, previdente, compreensiva, incansável, cheia de solicitude, a ação educativa de Dom Bosco produzia frutos maravilhosos. Procurava êle infundir na alma de seus alunos uma devoção sincera à Virgem Maria, sob o título de Auxiliadora dos Cristãos, para que a Mãe de Deus, pela vida a fora, continuasse a ser o sustentáculo da Fé, que êle cultiva, com o maior cuidado, na alma dos seus educandos. A Virgem Auxiliadora dos Cristãos, sob êsse título sugestivo, empolgou completamente a alma do sacerdote, que, um dia, seria elevado às honras dos altares. Era a Virgem dos seus sonhos e visões a inspirar-lhe minuciosamente as medidas a tomar para a atuação do grande plano da Providência, em favor da juventude.

Consagrava-lhe Dom Bosco imenso amor e êste transbordava de sua alma em louvores e solicitudes, em obras de zêlo pela salvação das almas. A Virgem Auxiliadora — sempre ela a dominar todos os seus pensamentos e afetos, a inspirar-lhe iniciativas, para a maior glória de Deus. A vida do insigne sacerdote devia ser e foi um hino de amor à Mãe de Deus. Cantou suas glórias no púlpito e na imprensa, na praça pública e na côrte, na sua pátria e nas plagas mais longínquas da terra, durante a vida e no ponto de morte. Fêz das belas-artes órgãos de louvor à Virgem; erigiu-lhe templos e

monumentos. Sobretudo se empenhou por conseguir conquistar para ela os corações da juventude.

OS CÁRCERES

Maria Santíssima encontrou um instrumento fácil de manejar para levar a cabo seus planos de salvação das almas. Com efeito, Dom Bosco procurava adivinhar qual era o desejo da Virgem Auxiliadora para, com todo o empenho, o executar — se entende — por ela mesma. Desde os mais verdes anos, êle via, através de sonhos, a missão a que o convidava a Mãe Celeste. Foi longa a preparação para seu apostolado. Os últimos impulsos que o atiraram ao campo que lhe era destinado, êle os recebeu visitando os cárceres de Turim. Confrangeu-se de dor o coração do então jovem sacerdote, à vista das cenas de infortúnio que contemplou, no interior das penitenciárias. Sobretudo o afligia a vista de jovens operários a definhar nas sombrias masmorras, por delitos precoces, quando o lugar que lhes competia era uma honrada oficina ou conceituada fábrica.

Com os olhos marejados de lágrimas, via a juventude prematuramente envelhecida, porque chafurdara no vício e caíra nas mãos da justiça, talvez por falta de um conselho amigo. Pobres jovens! começavam apenas a viver e já segregados do convívio humano, como elementos perigosos para a sociedade. A precocidade no crime era terrível indício do mau ambiente em que cresceram aquêles pobres rapazes. Era o ambiente dos logradouros públicos, das tabernas, das oficinas e até de escolas e colégios e, até — deve-se dizer — de famílias esquecidas de seus deveres de educar cristã-

mente as crianças, para lhes evitar um futuro desastroso. Nos cárceres, encontrariam a regeneração? Infelizmente só se podia temer que nessa triste escola só aprendessem novos desvios do caminho do bem. No lar doméstico e no educandário verdadeiramente cristãos é que se evitam êsses infortúnios tão calamitosos.

A VIDA DO OPERÁRIO NOS GRANDES CENTROS

Estava perfeitamente assente, no ânimo do ardoroso sacerdote de Turim, a resolução de salvar a juventude. Cada vez que via as pavorosas consequências da ignorância religiosa e da educação sem fé, firmava seus propósitos heróicos de consagrar sua vida à causa da juventude, particularmente da juventude pobre e abandonada. O filho do operário exposto de modo especial, preocupava imensamente a Dom Bosco, pois antevia os perigos que rondavam a classe dos homens do trabalho. A falta de recursos por um 1ado, a falta de assistência paterna por outro, deixavam o jovem operário muitas vêzes em situação difícil e até fatal. Sobretudo, nos grandes centros proliferam doutrinas deletérias e exemplos funestos. Para o operário exposto a tantos dissabores, com a exigência dos centros industriais, com as doutrinas perversas que lhes pregam os agentes do mal, com os exemplos nefastos que não lhes faltam — se falecer a fé, como se há de defender do contágio do mal? Dom Bosco previa a sorte, que aguardava a classe. O futuro de greves, revoluções, calamidades sociais de todo o gênero. As promessas que serviram de engôdo ao operário falharam, como não podiam deixar de falhar, pois era banida a

fé dêsses planos da ventura prometida. E a situação do pobre, cujas esperanças falharam, é forçosamente dolorosa. Sente-se traído, sente-se desalentado e sem um recurso de que se possa valer. De tal perigo está livre o operário verdadeiramente cristão, porque êle não tem a estulta pretensão de encontrar o céu na terra e conhece onde se acham as fontes de confôrto para a hora da provação. Ao operário de fé, quando lhe vêm a faltar os bens terrenos, tem ainda nas mãos os bens celestes; ao operário materialista quando se vê privado dos benefícios temporais nada mais lhe resta, porque lhe esvaziaram a alma do confôrto espiritual. Resta-lhe tão só a desilusão, o desalento, o desespêro.

O OPERÁRIO E O FUTURO

Com a intuição, que lhe era peculiar, D. Bosco divisou o futuro da classe operária. Ela via o desenvolvimento dessa potência, em perigo de cair nas mãos dos exploradores, que, sob o pretexto de reivindicar os direitos da classe, dela se valeriam para dominar. Via a crueldade dêsses exploradores que procurariam extinguir a fé da alma operária, a fim de escravizá-la com facilidade. E quem desconhece hoje a dinâmica da massa operária? quem há que não lamente a mentalidade, que os demagogos sem temor de Deus, pretendem fazer penetrar no operariado? Poucos anos mais tarde. a Igreja, pela voz de Leão XIII, procurará salvar o proletariado defendendo-lhe os direitos, lembrando-lhe porém que não serão os bens terrenos que lhe outorgarão a paz e a ventura, a que aspira a alma. Mais tarde ainda, Pio XI ratificando as instrucões da Rerum Novarum, encarece pela Quadra-

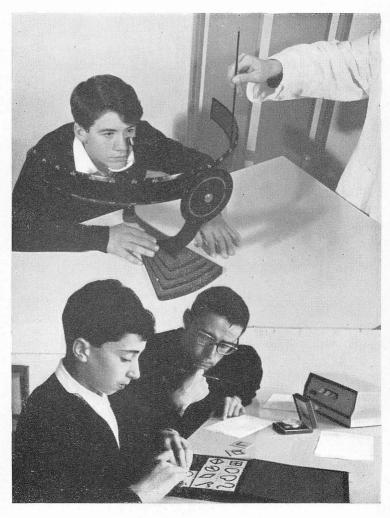
gesimo anno a necessidade de se orientar o operário, pelos caminhos da fé, a fim de que, sob pretextos enganosos, não venha êle a servir de instrumento aos agentes do mal. Admirável a visão de Dom Bosco, que parecia ter conhecimento perfeito do mundo atual e punha já em prática o que hoje se pode fazer de melhor para resolver os problemas do operário com remédios radicais e não com simples panacéias. Pois ainda é educando tècnicamente e cristamente o futuro operário, que se pode conseguir resolver a questão social. O demagogo que procura embalar o operário, que não lhe fala dos seus deveres, que lhe mata a fé no coração, não é amigo do homem do trabalho, pois o coloca numa posição falsa, extremamente perigosa. É terrível a situação do homem de cuja alma se cancelou a esperança cristã. Não é para admirar que nela medrem as tendências mais subversivas. E se tornou terreno próprio para acolher os princípios mais perniciosos que a demagogia ímpia sabe disseminar.

Dom Bosco sem perder tempo, abre oficinas, escolas profissionais, escolas agrícolas. Um século atrás já podia apresentar à sociedade escolas de artes e ofícios admiráveis, exposição de livros impressos em suas tipografias por jovens operários. Entretanto ministrava-lhes sólida instrução religiosa.

Joaquim Honório dos Santos entendeu a mentalidade de Dom Bosco e se tornou seu grande admirador.



O superior em colóquio com um candidato a Coadjutor Salesiano. A Inspetoria Salesiana de São Paulo mantém um departamento que promove o recrutamento, seleção e preparação das vocações sacerdotais e religiosas, o Secretariado Vocacional Salesiano.



 ${\it Testes para orienta} \\ {\it cão profissional dos aspirantes a Coadjutores Salesianos}.$

RESOLVE ABANDONAR O MUNDO

Resolução generosa — Que religião há de escolher? — Como vem a conhecer a Congregação Salesiana.

RESOLUÇÃO GENEROSA

A vida do nosso Joaquim tomou feição mais acentuadamente ascética, a partir da idade de 19 anos. Vimo-lo sempre fervoroso e exemplar, mas intensificou-se-lhe o amor à piedade a partir dessa idade. Nessa fase que durou cêrca de duas décadas, Joaquim sentiu o desejo de se retirar do mundo para melhor servir a Deus e cultivar mais desimpedidamente as virtudes que prezava tanto. A hesitação porém tão comum, na bifurcação das estradas de nossa jornada neste mundo de Deus, assaltou também o seu espírito.

"Devo deixar meus velhos pais, minhas irmãs, quando sou eu o principal arrimo da família? Devo aventurar-me a uma nova vida, eu que não sou tão môço?..." (Tinha êle, mais ou menos, quarenta anos de idade). "Será temeridade minha? Na minha família não há precedentes que eu saiba. E eu darei para a vida religiosa? E minha saúde, que não é de ferro, resistirá a um regime de disciplina?" A alma do operário se angustiava. Recorreu à oração para que se fizesse luz no seu espírito. Recorreu ao conselho do seu confessor... Mas por vêzes o mesmo confessor contemporiza para experimentar a constância do seu penitente. Em certo

momento, pensou em desistir da idéia de se fazer religioso e abraçar o estado conjugal. Orou com mais fervor e se decidiu pelo estado religioso. Terminou a fase das vacilações. Firmaram-se seus anelos de uma vida tôda para Deus. Por muitos anos, tinha êle suspirado por essa vida de recolhimento, clamando como o real profeta: "Senhor todo poderoso, quanta delícia no vosso santuário!" (Sal. LXXXIII-2). Se a resposta de Eliezer, junto ao Poço de Haran, lhe bastou para se convencer de que Deus lhe indicava a espôsa de Isaac, não menor valor, em sentido oposto, convenceu a Joaquim de que Deus o queria na vida religiosa.

Estava pois assentada a resolução de que romperia de vez com o mundo. Uma resolução destas importa numa declaração de guerra por parte do anjo das trevas. Não admira portanto que uma alma resolvida a desertar do século se veja assediada fortemente e que, às vêzes, volte atrás. Não admira que naufraguem almas generosas antes de chegarem às praias amenas da vida religiosa. Haja vista o môço que interpelou o Divino Mestre, para garantir a própria salvação e sentiu desmaiar-lhe o espírito, ao receber o convite para a vida perfeita (Mat. XIX-22). Era entretanto o mancebo que perante a Verdade, havia dito: "desde os mais tenros anos observei todos os mandamentos" (Mat. XIX-20).

Imaginemos agora quanta luta se travou, na alma generosa de Joaquim. Não sucumbiu porém. Era um atleta que conhecia as armas e sabia manejá-las. As liças dêsse gênero lhe eram familiares. Tinha o segrêdo da vitória — sabia orar.

QUE RELIGIÃO HÁ DE ESCOLHER?

A congregação fundada por Dom Bosco, que tirou seu nome de Sales (Salesiana), porque o Fundador desejava que a caridade amável de São Francisco de Sales penetrasse a alma da Congregação, era a família religiosa destinada por Deus a acolher, em seu seio, o nosso Joaquim Honório dos Vimos Dom Bosco todo solícito em preparar um futuro honroso para o operário. Vimo-lo para isso, reunir os filhos do povo, a fim de lhes ensinar a religião que os havia de guiar na vida, desviando-os da vadiagem e do delito. Vimo-lo abrindo oficinas e escolas profissionais, a fim de lhes proporcionar um honesto ganha-pão. que suas escolas profissionais atingissem ao fim colimado êle precisava pôr à testa das escolas colaboradores imbuídos do seu espírito, intérpretes fiéis da sua mentalidade. Assim é que surgiram os irmãos chamados Coadjutores, verdadeiros religiosos, auxiliares preciosos nas casas salesianas. êstes operários salesianos os Mestres de artes e ofícios das escolas profissionais de Dom Bosco. Verdadeiros heróis escondidos, sacrificam-se pelo bem da juventude, com os olhos fitos no Céu.

Visitai as escolas profissionais salesianas: aí encontrareis êsses operários, técnicos competentes, que se distinguem dos artífices congêneres pela solicitude com que se desvelam pelos jovens aprendizes, aos quais servem de mestres e de cristãos modelares.

Não os distinguireis pelo hábito porque não usam hábito, mas são inconfundíveis, pois os vereis modestos e alegres, solícitos e pacientes, laboriosos e ricos de piedade.

Na vida de Joaquim, enquanto viveu no século. pode-se ver a ação da Providência, preparando-o para o gênero de apostolado a que o destinava como Religioso. Admirável a mão de Deus guiando as almas pelo tracado misterioso dos seus desígnios. Quantas vêzes, uma alma inconscientemente se aproxima de sua meta e muitos a julgam desgarrada. Quantas vêzes ela mesma procura fugir da voz que a chama e, ao invés, para lá se dirige. embora por um rodeio! Atribuimos ao acaso a decisão de uma dúvida que, resolvida diversamente, nos levaria para direção oposta. Em um bívio desconhecido, tomamos à direita sem sabermos porque; mas tivéssemos tomado à esquerda teríamos errado fatalmente. Em tudo isso, só se pensa em casualidades e coincidências; entretanto seguimos a trajetória tracada pela Providência que fortiter et suaviter nos conduz à meta. Vimos nosso Joaquim, em momento de perplexidade, numa encruzilhada. Mas êle queria acertar com a vontade divina e acertou. Escolhera a melhor parte. Seguiu o conselho de São Pedro, em sua Segunda Epístola, que inculca a prática das boas obras para se conservar a vocação.

COMO VEIO A CONHECER A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Aos bons amigos e às boas leituras se deve atribuir a escolha de Joaquim quando deliberou entrar na Congregação salesiana. O P. Machado que era grande ledor, havia certamente falado a Joaquim da Obra de Dom Bosco, que então vivia, pois o grande educador já era um nome mundial. Também nas palestras com o Padre Caldeira, vir-

tuoso e ilustrado sacerdote que residia em São João e honrava o humilde operário com sua amizade, dava-lhe boas informações. Também o Monselhor José Pedro da Costa Guimarães que nos informou minuciosamente sôbre alguns pontos da vida de Joaquim, que conheceu muito de perto, lhe falou dos Salesianos que estavam em Niterói. Deve-se dizer também que Joaquim era muito amante das boas leituras e provàvelmente terá lido muito sôbre a Obra de Dom Bosco que já empolgava a quantos se interessavam pela educação da juventude e pela solução do problema Operário, que começava a preocupar a todo o homem de visão e de zêlo pelo bem da sociedade.

SEGUNDA PARTE

Joaquim Honório dos Santos na vida religiosa

XI

INÍCIO DA OBRA SALESIANA EM TERRA BRASILEIRA

São João Bosco — Salesianos visitam o Brasil — Fundação do Colégio Santa Rosa.

SÃO JOÃO BOSCO

De São João Bosco já se escreveram muitos livros e sôbre sua obra monumental há vasta literatura. Aqui, nos limitaremos a êstes poucos dados. Nasceu João Bosco na povoação chamada "I Becchi", que fica no Piemonte, não longe de Turim (Itália), a 16 de Agôsto de 1815. Teve uma santa mãe, que soube educá-lo santamente, com elevado espírito cristão, sendo entretanto pobre camponesa. Estudou no Seminário de Chieri. Em 1841, já ordenado, começou a trabalhar em prol da juventude pobre e abandonada. Em 1846, no Oratório de Valdocco (Turim), iniciou a Congregação salesiana, que foi aprovada pela Santa Sé em 1874.

Dom Bosco morreu em Turim a 31 de Janeiro de 1888. Além da Congregação dos Salesianos, à qual deu o nome de *Sociedade de São Francisco de Sales*, deixou fundada a congregação das Filhas de Maria Auxiliadora. Dom Bosco foi declarado Santo

pelo Soberano Pontífice Pio XI em 1934.

Para informação histórica da Obra de Dom Bosco, podemos registrar os seguintes dados:

- Início da Obra 8 de Dezembro de 1841.
- Tomam o nome de Salesianos os primeiros Auxiliares — 18 de Dezembro de 1854.
- Decretum Laudis 23 de Julho de 1864.
- Aprovação da Congregação 1.º de Março de 1869.
- Aprovação definitiva das Constituições —
 3 de Abril de 1874.



Atualmente (1963) a Congregação tem no Brasil seis Inspetorias ou Províncias:

- A de São Paulo, com 21 casas.
- A de Belo Horizonte, com 21 casas.
- A de Campo Grande, com 23 casas.
- A de Recife, com 12 casas.
- A de Manaus, com 17 casas.
- A de Rio Grande do Sul, com 15 casas.

Cuidam os Salesianos da Catequese dos índios do Mato Grosso, do Amazonas e do território de Rondônia.



Além dos dois Santos canonizados — Dom Bosco e Domingos Sávio — a Congregação conta 102 Salesianos, cujo processo de canonização se acha em andamento. Dêstes 93 como mártires na perseguição da Espanha.

Nestas notas não estão incluídos os dados referentes às Filhas de Maria Auxiliadora — Congregação fundada também por D. Bosco.

OS SALESIANOS VISITAM O BRASIL

D. Bosco envia seus primeiros missionários para a Patagônia — Chefiava o grupo dos salesianos missionários o padre João Gagliero, que como já vimos, foi mais tarde Cardeal da Santa Igreja. Dom Bosco lhe havia recomendado que se o vapor tocasse o pôrto do Rio de Janeiro, fôsse visitar o Bispo D. Pedro Maria Lacerda. A 7 de Dezembro de 1875, o vapor Savóia em que viajavam os salesianos entrou na Baía de Guanabara.

Dom Lacerda recebeu os Filhos de Dom Bosco com demonstrações do maior carinho; era êle um grande admirador de Dom Bosco. Dois anos mais tarde, D. Lacerda foi a Roma. Lá se encontrou com D. Bosco em um dos salões do Vaticano. bispo do Rio de Janeiro teve por grande ventura ter-se encontrado com D. Bosco, e logo pediu alguns salesianos para a sua Diocese. Dom Bosco convidou nosso Bispo para passar uns dias no Oratório de Valdocco e Dom Lacerda lá passou duas semanas. Quando chegou ao Rio de Janeiro, tratou de adquirir uma propriedade para a fundação salesiana. Mas Dom Bosco só pôde atender a Dom Lacerda seis anos mais tarde. Em 1882, atendendo aos repetidos pedidos de D. Lacerda, Dom Bosco mandou que fizesse uma visita ao Brasil o padre Luís Lasagna. Este grande filho de D. Bosco era inspetor das Casas Salesianas do Uruguai e mais tarde foi Bispo Titular de Trípoli e veio a falecer em um desastre ferroviário, perto de Juiz de Fora.

O P. Lasagna visitou também os Estados do norte: Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará. Depois da visita, o P. Lasagna escreveu a Dom Bosco uma carta muito favorável à fundação no Brasil.

Finalmente a 14 de julho de 1883, pelo vapor Orenoque chegou a primeira turma de salesianos

para a fundação da Casa de Niterói.

FUNDAÇÃO DO COLÉGIO SANTA ROSA

O Padre Luís Lasagna veio acompanhando o grupo dos primeiros Salesianos, que eram os se-

guintes:

Padre Miguel Borghino — Diretor; Padre Carlos Peretto — Prefeito; Padre Miguel Follino; Clérigo Bernardino Monti; Domingos Delpiano — Coadjutor Arquiteto; João Bologna e José Daneri Coadjutores. Foi destinada para a primeira fundação salesiana, uma propriedade situada no Bairro de Santa Rosa, em Niterói. A distinta Família Morrisy foi a grande benfeitora, da primeira hora. dos Salesianos. Deu-se porém que, bem perto da fundação incipiente, existia um colégio protestante e êste moveu insistente perseguição à obra Passaram por sérias dificuldades os que nascia. filhos de D. Bosco. Dom Lacerda continuava a ser protetor insigne dos salesianos e sofria imenso com a guerra que os hostilizava. Foram duras as primeiras provações, por que passaram os fundadores do colégio: mas formados na escola de D. Bosco. Sofreram, mas não não se deixaram acovardar. desanimaram. Dom Lacerda, que muito amava aos salesianos, quando os viu em meio a tantas agruras, ficou profundamente penalizado. Disse ao Diretor da Casa — P. Miguel Borghino — que

não era digno de ter os Filhos de D. Bosco em sua Diocese, que não podia exigir dêles tanto sacrifício. Mas o Diretor era corajoso e lhe disse: "Excelência, D. Bosco nos mandou: aqui ficaremos". E a tempestade foi amainando. No ano seguinte — 1884 — já o colégio recebeu 36 alunos internos. Quatro anos depois, assumiu a direção da casa o P. Pedro Rota. O Colégio já estava consolidado. Os alunos internos eram 170. Foi nesta época que Joaquim Honório se internou no Colégio Santa Rosa, para se fazer Salesiano Coadjutor.

Cresciam as oficinas que abrigavam muitos aprendizes; crescia o Oratório Festivo, em que os meninos da Cidade de Niterói, mesmo não sendo alunos, se reuniam em grande número, para se divertirem e aprenderem o catecismo. A casa se construia concretizando um grandioso projeto.

IIX

PERSONAGENS INESQUECÍVEIS

Explicação prévia — Dom Pedro Maria de Lacerda — Padre Pedro Rota — Padre Carlos Peretto.

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Antes ainda de acompanhar nosso biografado, na nova fase de sua vida, que se passou tôda no Colégio Santa Rosa, vamos traçar ràpidamente o perfil de três vultos que tiveram ligação especial com a vida de Joaquim Honório, nesta segunda e última fase de sua vida. Dos poucos traços biográficos dêstes três personagens, muita luz se projetará na vida de Joaquim. Aliás são três personagens de notável merecimento. De suas biografias, se um dia forem publicadas, serão aproveitadas muitas lições a grandes estímulos, de subido valor moral. Os rasgados elogios que êles não regatearam ao humilde Coadjutor salesiano terão para o leitor real merecimento ao saberem qual foi o valor moral dos seus autores. São êles:

- Dom Pedro Maria de Lacerda.
- Padre Pedro Rota.
- Padre Carlos Peretto.

De Dom Luís Lasagna, que era Inspetor Salesiano nessa época de 1883 a 1895) não nos ocupamos separadamente, porque não há pormenores das relações que deve ter havido entre êle e Joaquim Honório. Dom Lasagna foi dos mais ilustres filhos de D. Bosco. Homem de grande zêlo e excel-

sas virtudes foi sagrado Bispo Titular de Trípoli. Morreu em um desastre ferroviário perto de Juiz de Fora, a 6 de Novembro de 1895.

DOM PEDRO MARIA DE LACERDA

Nasceu no Rio de Janeiro, a 21 do mês de Janeiro de 1830.

Foram seus pais — o Capitão de Mar e Guerra João Maria Pereira de Lacerda e Camila Leonor Pontes de Lacerda. Recebeu educação esmeradamente cristã. Muito cedo — aos 12 anos — já tinha completado os estudos preparatórios de Latim, no colégio do Caraca (Minas), dirigido pelos Padres Lazaristas. Aos 18 anos já tinha completado os estudos de Filosofia e Teologia, no Seminário de Mariana. Em 1849, doutorou-se em Teologia. em Roma. Recebeu Ordens Sacras em 1852 e em 1868 foi feito Bispo do Rio de Janeiro. Tomou parte no Concílio Vaticano em 1870. Dom Lacerda muito teve de sofrer. Encontrou graves abusos na disciplina eclesiástica e muito lutou para normalizar tudo. Por parte do Govêrno não lhe faltaram sérias dificuldades. Haja vista a Questão Religiosa, que agitou também a sua Diocese. Quando se proclamou a República, êle se achava muito doente e com êsse abalo, sua vida periclitou. Veio a falecer o preclaro Antístite com sessenta anos de idade.

Homem de grande piedade e cultura, detentor de qualidades raras, consumado orador, de caráter independente e nobre, foi um grande prelado.

O meio político social da época, porém, era muito ingrato. Era êle de tal temperamento que se não podia furtar aos grandes sofrimentos. As intromissões indébitas do poder civil no terreno sagrado afligiam ao Episcopado, e de modo particular aos mais atingidos entre os nossos prelados. D. Macedo Costa, Bispo do Pará, escrevia: Quebremse nos pulsos da nossa Igreja as algemas do Regalismo e acabe-se com os tais padroados, exequatur, beneplácitos imperiais... e outras chamadas regalias majestáticas, que tanto a oprimem e aviltam". A alma delicada de Dom Lacerda sofria e deplorava tanta irreverência contra a instituição divina. Veremos adiante quanto confôrto êle sentia, quando podia passar algum tempo com os salesianos, aos quais tanto queria.

Nessas visitas que Dom Lacerda fazia ao colégio Santa Rosa, para dar tréguas ao seu espírito cansado de tanto lutar e sofrer, conheceu êle Joaquim Honório. Referiremos adiante os pormenores dessas relações do grande Prelado com o humilde Coadjutor Salesiano. Faleceu o virtuoso Bispo do Rio de Janeiro no 60.º ano de sua existência.

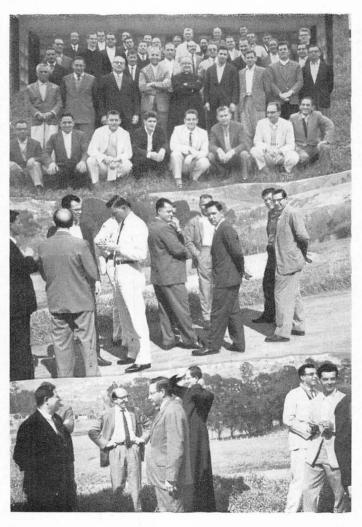
PADRE PEDRO ROTA

Nasceu o Padre Pedro Rota em Lu, na Itália, a 7 de Junho de 1861; morreu em Lisboa — Portugal — a 8 de Agôsto de 1931. Foi Diretor do Colégio Santa Rosa (Niterói) e do Ginásio N. S. Auxiliadora (Bagé). Depois foi Inspetor das Casas Salesianas da Inspetoria, cuja sede era S. Paulo, durante 16 anos. As casas da Inspetoria do Norte, por algum tempo estiveram também sob sua inspecção. Mais tarde foi Inspetor da Inspetoria Central (Itália) e da inspetoria Portuguêsa. Dirigiu o Colégio Santa Rosa na época difícil da Revolta da Armada, pres-

tando relevantíssimos serviços aos nossos soldados, pois o Colégio foi transformado em Hospital de Sangue e os Salesianos se desdobraram em trabalhos de assistência à tropa. Quando cessou o bombardeio, pessoalmente o P. Rota se ofereceu para assistir aos feridos a bordo. Seu oferecimento foi aceito e êle se dirigiu ao Rio para êsse fim. Por falta de condução porém não lhe foi possível juntar mais essa benemerência às demais. O P. Rota era um Sacerdote de qualidades raras. Vasta inteligência, cultura, grandes virtudes, nobreza — tudo quanto se requer para as elevadas responsabilidades. êle possuia. Era também músico de grande competência, pianista e compositor. Dirigiu o colégio Santa Rosa de 1888 a 1894. Como inspetor no Brasil estêve de 1908 até 1925.

Deixou em nossa Pátria muitos amigos e admiradores de suas excelsas virtudes. Homem superior, dotado de qualidades excepcionais, era entretanto muito modesto a ponto de passar por um homem vulgar, a não ser aos olhos dos que com êles conviveram, aos quais não seria possível esconder seus talentos.

O Padre Luiz Marcigaglia, que muito de perto conheceu o Padre Rota, escreve (Os Salesianos no Brasil): "Em 1888, veio o segundo Diretor — P. Pedro Rota, que consolidou e popularizou o Colégio. Construiu diversos edifícios, aulas e salões de estudo, refeitórios e escolas profissionais, cômodos edifícios, onde funcionaram muito bem e por muito tempo os vários serviços do colégio... Desenvolveu e modernizou a tipografia. Em 1890 iniciou a publicação das Leituras Católicas em português... O colégio ia às mil maravilhas, envolto numa onda de simpatia geral. Já contava com 200 alunos internos.



Os Coadjutores Salesianos da Inspetoria Salesiana de São Paulo reunidos em estudos, em Barueri (S. P. 1963)



O COADJUTOR SALESIANO na hora solene de seus votos religiosos quando consagra tôda sua vida a Deus, à conquista da perfeição e ao apostolado salesiano.

Numa fotografia dos Salesianos de Santa Rosa de 1889, encontramos: P. Pedro Cogliolo, P. Carlos Peretto, P. Pedro Rota (Diretor), P. Domingos Zatti, P. Tomé Barale, P. Nicolau Badariotti, P. Domingos Giudici, P. Artur Castells, Cl. Jorge Criffi, Cl. Paulo Torti, Coadjutores J. B. Cornélio, Manoel Fonseca, J. B. Trovamala, José Moura, Epaminondas Franklin, Joaquim dos Santos, José Daneri".

O P. Pedro Rota continuou na direcão do Colégio até o fim de 1893. Nesse ano prestou o colégio ótimos servicos ao govêrno da República, durante a Revolta da Armada. O citado P. Luiz Marcigaglia diz: "O colégio, durante todo o tempo da Revolução, até Maio de 1894, funcionou como hospital comum, hospital de sangue, pôsto de socôrro às famílias de Niterói. Os Padres atendiam aos doentes e aos feridos: não faleceu ninguém sem a devida assistência religiosa. O servico era muito. Dias houve que foram atendidas mais de 1.500 famílias; recebiam gêneros alimentícios e um pouco de dinheiro, que o govêrno estadual entregava para isso ao colégio. No hospital de sangue, o padre Rota coadjuvado pelo padre Tomé Barale assistia aos doentes e moribundos, dava expediente às cousas que dependiam dêle e... alegrava os médicos e oficiais com sua culta e amável palestra e com o piano que tocava admiràvelmente". "Os ótimos serviços prestados pelo colégio durante a Revolta foram reconhecidos pelo Presidente da República — Dr. Prudente de Morais, pelo Ministro da Guerra, General Costellat e por tôdas as autoridades

PADRE CARLOS PERETTO

Nasceu o Padre Carlos Peretto em Carignano (Itália), aos 3 de Marco de 1860, e morreu em Ouro Prêto aos 6 de Outubro de 1923. Integrou a primeira turma de salesianos que veio para o Brasil. destinada à fundação da Casa de Niterói. Foi prefeito do Colégio Santa Rosa, desde o início em 1883 até 1890. Em seguida, estêve como Diretor do Colégio São Joaquim (Lorena — São Paulo) até 1896. Foi então nomeado Inspetor da Inspetoria Salesiana de N. S. Auxiliadora, com sede a princípio em Lorena e depois em São Paulo. Terminou seu mandato em 1908 e voltou à Europa. Foi ainda Diretor das casas de Braga (Portugal), de Bagé e de Cachoeira do Campo. Era um sacerdote de grande fé e dedicadíssimo à Congregação de Dom Bosco, de quem foi aluno, no Oratório de Turim. Em 1876, tendo seus quinze anos, disse a Dom Bosco que desejava ser Salesiano e missionário. Dom Bosco o animou e lhe deu uma medalha de N. S. Auxiliadora e uma laranja que tinha ali na mesa, dizendo-lhe que êle seria missionário na terra das laranjas. Mais tarde, já salesiano, foi êle enviado para o Uruguai. Lá viu laranjas e perguntava a si mesmo se seria aquela a terra das laranjas. Foi depois transferido para Niterói. As vêzes saía em excursão pelas fazendas, a cavalo, angariando esmolas para o Colégio que lutava com grandes dificuldades, para manter os alunos pobres. Os primeiros anos foram realmente de grandes dificuldades financeiras para o estabelecimento que se empenhava em desenvolver a Escola de Artes e Ofícios para meninos pobres. Certo dia, atravessava o Padre Carlos, com um companheiro que o costumava acompanhar, um bom prêto, muito dedicado, um vasto laranjal cujas fruteiras estavam carregadas de laranjas maduras. Teve então vontade de matar a sêde chupando uma laranja e estendeu a mão para a colhêr. Mas, logo a retirou receoso de lancar mão da fruta alheia. O companheiro que vinha atrás notou o gesto do Padre e lhe disse: "Padre, pode apanhar, aqui ninguém faz caso disso. Estamos na terra das laranjas. "O padre Carlos chorou comovido, ouvindo o bom prêto, repetir as palavras que ouvira dos lábios de Dom Bosco, cêrca de vinte anos atrás: "Tu serás Missionário, na terra das laranjas". Mais de uma vez ouvimos o Padre Carlos contar esta passagem de sua vida e êle sempre se comovia ao recordá-la. Ao Padre Carlos devemos ótimas informações sôbre o nosso Joaquim Honório com quem conviveu e cujas virtudes tinha sempre admirado.

XIII

A VIDA RELIGIOSA

Deixa o lar — Em Niterói — O Colégio Santa Rosa — Trecho de uma carta — Nôvo gênero de vida — O educador.

DEIXA O LAR

Como havia resolvido, Joaquim disse adeus ao mundo para se dar todo ao Deus com quem vivia no íntimo de sua alma. Eram os membros de sua família tementes a Deus; mas isto não podia impedir e não impediu que derramassem muitas lágrimas, na despedida do filho e irmão a quem tanto amayam. Os bons pais aceitaram conformados o maior dos sacrifícios que Deus lhes pedia. Sentiam porém o confôrto da certeza de que o filho ia ser feliz na vida santa que deliberara escolher. Para a mãe de Joaquim de modo especial era ingente o sacrifício; mas, alma de fé, sabia repetir: "Deus mo deu, Deus mo tirou, seja louvado seu santo nome". Aos pais generosos para com Deus, nunca falta a recompensa. Bem depressa êles reconhecem que foi para felicidade dêles que o Senhor lhes pediu a generosidade da doação do filho. Os pais, ao invés, que egoisticamente recusam a Deus o filho ou a filha, que Êle chama a uma vida mais perfeita, depois se arrependem de não terem permitido que seus filhos atendessem ao chamado divino. Quem somos nós para recusar a Deus o que Êle nos pede? Não pode êle dispor a seu talante, de nossas atividades e até das nossas vidas? Não

é Êle o Senhor absoluto? O Árbitro Supremo? E tudo quanto Êle fizer será para o bem da alma que Êle chama e da família a quem pede o sacrifício.

Um dos mais dedicados amigos e sócio de Joaquim fêz questão de o acompanhar até Niterói, onde o deixou no Colégio Santa Rosa.

EM NITERÓI

Já vimos que às instâncias de Dom Pedro Maria de Lacerda, foi afinal fundado o Colégio Santa Rosa. Reproduzimos agui o trecho de uma carta que o P. Luís Lasagna nessa ocasião dirigiu a Dom Bosco". ...já terá sabido também que a dez de julho, uma expedição de sete de seus filhos deixou Montevidéu e, após quatro dias de viagem. chegou ao pôrto mais belo do mundo, ao Rio de Janeiro... O dia 14 de Julho de 1883, sem dúvida, há de ser para todos nós um dia de feliz recordação, porque marca a fundação da nossa primeira casa no Brasil, em Niterói. Graças a Deus do mais íntimo da alma". Em Niterói portanto ficou assentada a primeira tenda dos Salesianos em terras brasileiras. A bela situação do Colégio, no morro da Atalaia, donde se descortina a Baía de Guanabara, numa visão realmente encantadora, a proximidade da Capital Federal, com meios fáceis de comunicação — tudo parecia oferecer ao novel instituto futuro risonho e próspero. Próspero foi depois de superadas as primeiras dificuldades. Risonho, humanamente falando nem sempre foi, porque talvez mesmo pelo grande bem, que devia fazer, fortes provações abateram sôbre êle no decorrer dos anos. Mencionaremos apenas de passagem as fortes provações que sofreu o Colégio Santa

Rosa nos seus primeiros cincoenta anos de existência. Nos primeiros tempos forte perseguição por parte dos protestantes que residiam perto do colégio — A Revolta da Armada em 1893 e a sua transformação em Hospital de sangue — A morte trágica — 1895 — no desastre ferroviário, do Inspetor Dom Luís Lasagna — A tragédia da febre amarela em 1903 — O desastre da Barca Sétima em que perderam a vida 27 alunos e um salesiano, em 1915. Mas só Deus conhece o bem que essa fundação irradiou nesses dez lustros de provações. É imenso o número de alunos educados nesse colégio e em grande parte gratuitamente. A propaganda da devoção a Nossa Senhora Auxiliadora no Brasil deve muito ao Colégio de Niterói.

O COLÉGIO SANTA ROSA

O nôvo ambiente social, em que vamos acompanhar a vida de Joaquim Honório, é a vida colegial dêsse educandário, que depois de vencidas as primeiras provações entrava na fase de franca prosperidade. O valoroso Padre Miguel Borghino terminara seu mandato e foi substituído pelo P. Pedro Rota que já conhecemos (19-2-1888).

Ao penetrar no colégio Saleisano, sentiu impressão indescritível. O bom acolhimento do Diretor e dos Professôres, a alegria comunicativa tão característica dos alunos educados pelo sistema preventivo salesiano tudo impressionava docemente a alma ainda atassalhada pelas saudades de Joaquim. Eram 170 alunos internos, entre estudantes e aprendizes. As recreações eram rumurosas e todos os dias pareciam dias de festa, porque os alunos imprimiam um cunho de alegria tão comunicati-

va que se vestia de ares festivos. Joaquim se sentiu retemperado. Sentiu-se invadido de nova vida. Entendeu que Deus envolve em doce proteção os que lhe buscam a sombra benfazeja. (Sal. XC-I). Quanta ventura para o navegante quando chega ao pôrto amigo, pelo qual suspirou longamente. entre os maroicos de um mar bravio! Nem todos podem medir o júbilo de uma alma de Deus, que santamente se alvoroca quando se sente no remanso do claustro. As ondas encapeladas do século. que lhe haviam submetido a constância a rudes provas, marulham ainda, mas à guisa de leões cativos. Como é belo vê-los entre os varões da jaula! Joaquim era feliz, quanto, na terra, o pode ser um pobre mortal. Muitas vêzes Deus derrama profusamente no coração que acaba de ser arrancado do século, os dulçores de suas consolações. Uma gôta dêsse bálsamo celeste suaviza a dor mais acerba e cicatriza a mais profunda chaga. Joaquim sentiu o confôrto do céu. Podia êle dizer como o Salmista: "Como é grande, Senhor, a inundação de docura que escondestes para os que vos temem". (SAL. XXX-22). Como o Vate Sagrado sua alma cantava: "Quão amáveis são os vossos tabernáculos, Senhor; minha alma desfalece no vosso templo. Meu coração e meus sentidos exultaram no Deus vivo. Eis que o pardal encontrou a sua casa e a rôla encontrou o ninho para nêle colocar seus filhinhos. São os vossos altares de santidade, Senhor, Meu Rei e Meu Deus. Felizes os que moram em vossa casa, Senhor, louvar-vos-ão por todos os séculos". (Sal. 83-I, 2, 3, 4, 5.). Ésses suspiros dos livros santos deviam ser os solilóquios da alma eleita de Joaquim ao chegar ao pôrto da vida religiosa.

NOVO GÊNERO DE VIDA

Joaquim tinha perto de quarenta anos de idade, quando iniciou a vida religiosa.

Com essa idade, o homem já constituiu a sua natureza, já é quase insusceptível de reformas radicais. Exceções as há, mas são exceções. Na história das congregações, ultrapassados os seis lustros, já não é fácil ao homem amoldar-se a um gênero de vida diverso daquele em que se formara. É o que se dá com o físico. Nosso organismo depois de perfeitamente desenvolvido, e consolidado em determinado porte, quase que só a violência remodela sua conformação ou o mecanismo dos seus movimentos. A vontade não tem ossos nem músculos capazes de perderem a maleabilidade; não obstante ela adquire formas, atitudes, hábitos, inclinações tão consistentes que dificilmente depois se podem torcer.

Nosso Joaquim, na verdade, não precisava de reformas profundas para se adaptar à vida salesiana. Era uma questão apenas de modificações acessórias. E sua vontade era disciplinada e humilde. Por isso ràpidamente se adaptou òtimamente à nova vida.

A vida do cristão exemplar é, sem dúvida, ótima matéria prima para se obter um perfeito salesiano. A vida comum própria dos religiosos exige sem dúvida, para quem sempre viveu sôbre si, grande espírito de docilidade, de amor ao regulamento, ao horário — o que pode exigir sérios esforços de adaptação. Mas Joaquim estava habituado ao sacrifício e sabia dobrar sua vontade.

O EDUCADOR

Todo o Salesiano é educador. Nem é possível ser professor ou mestre em uma oficina sem ser educador. O aluno ou o aprendiz — queira ou não queira quem lhe ensina qualquer ciência ou arte - aprende com êle modos de proceder, maneiras de falar e de agir. É evidente que se vai educando bem ou mal. Se, como Religioso, Joaquim devia dar as melhores provas de fôrça de vontade, para se amoldar perfeitamente ao nôvo teor de vida, como Religioso — Educador, não se lhe pedia menor esfôrco. Não basta a palavra para dar a um educando a formação cabal de um operário, como deve ser apenas um técnico, um artífice competente: há de ser também um verdadeiro educador. Mesmo porque no sistema educativo de Dom Bosco, todos os salesianos, Sacerdotes e Coadjutores, devem passar entre os educandos o tempo da recreação. Ora é sabido que precisamente durante as recreações, a ação do educador é mais necessária e mais eficiente.

Joaquim Honório teve logo oportunidade de prestar seus bons serviços como Mestre de Sapataria e como Músico. Realmente já havia no Colégio uma oficina de sapataria e uma banda de música. Joaquim Honório era um homem de admirável paciência e domínio sôbre si. Tinha portanto ótima base para ser um educador segundo o coração de Dom Bosco.

Dentro de pouco tempo, todos se admiraram como o nôvo Mestre da Sapataria havia assimilado tão depressa o sistema educativo dos salesianos. Com que paciência e dedicação cuidava êle dos aprendizes confiados aos seus cuidados! Quem o via tinha a impressão de que êle já nascera salesiano.

E que é que pede o espírito salesiano a quem o deseja assimilar para se tornar um educador como o ideara Dom Bosco? — Opor à natureza infantil insofrida de jugo, irriquieta, calma e doçura; aplacar-lhe os arrufos e repentes com paciência; combater-lhe a insolência com a afabilidade; resistir-lhe aos caprichos com paternal firmeza; sofrer-lhe as ingratidões sem ressentimentos; ir-lhe ao encontro do estouvamento com verdadeira humildade; precedê-la nos pedidos de desculpa, ainda quando o educador é o credor.

Joaquim Honório era homem para não hesitar face à luta que conheceu dever enfrentar sem vacilações. Esta foi certamente, na sua história íntima, nessa gloriosa epopéia que só Deus conhece, um dos capítulos ou cantos mais belos e meritórios. Joaquim se compenetrou muito bem de sua missão de educador. Conheceu o caminho que devia seguir no plano traçado por Deus, para conduzi-lo ao pôsto que lhe seria assinado na grande obra da formação do operário, tal como Deus o quer. Num rápido olhar retrospectivo, êle filho de um operário e de uma operária, reconheceu providencial ter vivido sempre entre operários, sendo também êle operário. Quem poderia melhor compreender a alma do homem do trabalho? As tendências do operário, suas aspirações, seus recalques, suas lutas, seus preconceitos, seus pontos fracos — quem melhor do que êle poderia conhecê-los?

Uma fábrica ou uma simples oficina pode ser um viveiro de elementos perigosos para a classe e para a sociedade; mas, ao invés, pode ser uma escola de trabalho honrado, um laboratório em que se formam mentalidades e caracteres que dignificarão a família, a pátria e a Igreja. Joaquim Honório compreendeu o ideal de Dom Bosco relativamente aos operários e tinha zêlo no exercício da caridade. Estava pois em condições de ser um ótimo educador.

XIV

NA INTIMIDADE

Amor às Santas Regras — Caridade — Outras virtudes — Os votos religiosos — Morte de Dom Bosco.

AS SANTAS REGRAS

O supremo anelo de uma alma de Deus, neste mundo, é fazer a divina vontade. Cristo Senhor Nosso, mandou que se pedisse a realização da vontade de Deus na terra. E seus verdadeiros servos suspiram pelo cumprimento dos decretos, disposições e quaisquer manifestações da vontade do Senhor. A eternidade feliz é para os que fazem a vontade de Nosso Senhor (Jo. II-17). Para êles é o Reino do Céu (Mat. VII-21). O próprio Filho de Deus declarou que seu alimento era a vontade de seu Pai (Jo. IV). Nada mais natural do que essa preocupação dos prediletos de Deus, à cata das manifestações da divina vontade.

Ocultar-lhes o que dêles quer o Senhor é mergulhar-lhes os espíritos nas trevas mais aflitivas. Descobrir-lhes a vontade de Deus, mesmo através de abrolhos e cruzes, é fazer lucilar para êles um raio de luz entre as sombras do abandono. Aí está porque frui deliciosa paz a alma fervorosa, no seio de uma Congregação Religiosa. Ela tem a cada instante bem definida a manifestação da vontade divina. As Santas Regras respondem com clareza à pergunta que o Religioso faz a Deus de quando em quando, com as palavras de Saulo — Domine

quid me vis facere? Senhor que quereis que eu faça? Além dêsse oráculo das Santas Regras ou Constituições, os Superiores lá estão com autoridade para dizer-lhe, nos casos omissos, qual seja a vontade divina. No horário da casa, na voz da sinêta, que são intérpretes das disposições superiores, o Religioso tem diretrizes seguras para não discrepar da Vontade que êle adora.

Note-se de passagem que nessa época já um tanto recuada, não havia ainda determinações mais rigorosas quanto à formação dos noviços. Assim é que o nosso Joaquim em pouco tempo já foi considerado em condições de fazer os votos religiosos.

CARIDADE

Joaquim Honório era um bom. Bom no sentido vulgar é o homem brando e servical, indulgente, calmo, sacrificado. O humilde Irmão era tudo isso e mais alguma cousa. Ao que parece, a própria natureza, seu temperamento, o predispunham favoràvelmente. Mas tinha um coração muito sensível e zeloso, não lhe podiam faltar portanto frequentes ocasiões para se irritar e manifestar sua indignação em certos momentos. Só os apáticos ficam indiferentes diante de contratempos e desordens e aos educadores não podem faltar essas ocasiões de contrariedades. Ô segrêdo da mansidão e caridade de Joaquim não era sua índole boa, mas o domínio que êle tinha adquirido sôbre seus nervos e músculos, sôbre sua natureza. Padre Carlos Peretto um dos Superiores do Colégio, ao qual já nos referimos atrás, muitos anos após a morte do Bom Coadjutor, referia-se a êle com veneração e frisava particularmente a caridade

com que êle tratava seus aprendizes. Recorda a paciência heróica com que êle se havia às travessuras dos garotos confiados aos seus cuidados. Com os Superiores era filialmente respeitoso. Com os Irmãos de grande delicadeza e cordialidade. A tôdas as pessoas tratava com respeitosa afabilidade.

O bom Irmão se deixou embeber todo pelo espírito de D. Bosco, para quem a docura, a indulgência, a longanimidade eram fatôres de primeiríssima importância na difícil tarefa de mestre. No exercício de sua profissão, era artista exímio; suas belas qualidades de mestre, fizeram da sapataria do Colégio uma importante escola para os jovens aprendizes. Cumpre ter presente que os Salesianos mantinham suas escolas profissionais para os meninos mais abandonados de Niterói e do Rio de Janeiro. Todos sabem que infelizmente tais meninos não primam pela boa educação. Muitos nem conheceram seus pais, outros tiveram exemplos muito prejudiciais no lar. Não é de admirar que muitos punham à prova muito séria a paciência de seus aducadores

OUTRAS VIRTUDES

As flôres que estamos admirando na alma de Joaquim Honório, cultivavam-se em um jardim cercado de muros sem pintura, sem arte. Quem passa ao longo dêsse muro rústico, não suspeita que lá dentro dêsses muros sem pintura, sem arte, haja tanto luxo de flôres, cada qual mais louçã e mais viçosa. Era tão modesto que talvez mesmo alguns que com êle conviveram, não tenham tido conhecimento do valor moral do humilde sapateiro.

Nem sempre, porém, logrou êle esconder aos espíritos mais observadores o belo espetáculo de

uma alma simples e temente a Deus. A humildade reveste as demais virtudes de um manto protetor, para impedir que os olhares humanos indiscretamente lhes roube o merecimento. Mas, por vêzes, permite Deus que as flôres ocultas se denunciem pelo perfume que trescalam, para edificação do próximo. São João da Cruz desejava padecer e ser desprezado por amor de Deus. E podemos dizer que era êsse o desejo dos santos em geral.

O exemplo impressionante do Filho de Deus. que veio buscar, na terra, sofrimentos e humilhacões, abriu os olhos dos homens retos sôbre a preciosidade da cruz. Por êsse caminho havia enveredado a bela alma de Joaquim Honório. E, na vida religiosa, compreendeu êle melhor ainda a preciosidade do sacrifício. Para o homem que soube transformar o sofrimento em gôzo, os problemas da vida se resolvem. E êsse milagre da fé que converte os espinhos em flôres, o sacrifício em deleite — não era estranho ao humilde sapateiro do Colégio Santa Rosa. E a virtude do humilde salesiano não consistia em palavras, mas em obras. E são estas que convencem (João V-36). Era dedicado ao seu Deus e por isso Deus estava com êle. Como diz o Sábio: Deus ama aos que o amam (Pro. VIII-17). As solicitudes com que cuidava dos pequenos aprendizes confiados aos seus desvelos eram corolário da sua caridade. Dizem as Letras Sagradas (Eccl. VII)) que as naturezas ainda tenras devem ser conduzidas pelo bom caminho. Bem sabia o bom Salesiano que é na manhã da existência que se lancam os fundamentos da vida realmente cristã. Seus travessos discípulos bem depressa compreenderam que tinham um Mestre e também um grande amigo de suas almas, pelas

quais vivamente se empenhava. Seguia êle o conselho de S. Francisco de Sales que D. Bosco tanto venerava: "Se amais vosso próximo por amor de Deus, renunciai a tudo e em todo tempo em favor dêle, seja um bom lugar que ocupais, seja vosso repouso... Também vossa vontade, vossos planos, se isso convier ao vosso próximo". A mansidão custa sacrifícios. Sem abnegação não conseguireis a doçura habitual. Notável, com efeito, era nêle o desejo de prestar serviços, de qualquer gênero, ao seu alcance. Na vida do célebre Cura D'Ars, falecido em 1859, conta-se que um homem lhe pediu um conselho para conseguir a própria santificação. Disse-lhe o Santo que amasse a Deus. Insistiu o homem perguntando qual era o segrêdo para se amar a Deus. O Cura d'Ars sugeriu: "Humildade, humildade, filho meu; a soberba é o elo da corrente dos vícios; a humildade é o elo da corrente de tôda a virtude". Assim também pensava o nosso bom Irmão. Sabia êle que devia tender à perfeição e sabia também que o fundamento da santificação é precisamente a humildade. Os que o conheceram como elemento da banda de música colegial, admiravam-se de que, sendo êle músico perito, de boa vontade tocava os instrumentos mais simples, deixando aos outros as partes mais brilhantes, de exibição mais merecedora de aplausos.

OS VOTOS RELIGIOSOS

Joaquim Honório, poucas semanas após a sua entrada na casa religiosa, já era um autêntico religioso. Adaptou-se admiràvelmente à nova vida e seguia regularmente a vida Salesiana. Contudo era necessário seguir os trâmites regulamentares para

fazer a profissão religiosa. Não havia ainda as exigências canônicas todas que há hoje, para serem válidos os votos religiosos. Depois de alguns meses de aspirantado, seguia-se o Noviciado, durante o qual o Novico já prestava seus servicos, mas cuidava da sua formação sob a observação dos seus Superio-Duraram cêrca de dois anos as provas a que se submeteu Joaquim Honório antes da profissão. Deu êle provas sobejas do seu amor às três virtudes que são o objeto dos votos religiosos — pobreza. castidade e obediência. Seu amor à mortificação facilitavam-lhe imensamente o espírito de pobreza que êle soube tão bem cultivar. A castidade que êle soubera cultivar, entre as seduções do século. até quase os quarenta anos, lhe era facilitada na vida religiosa pelas medidas de prudência do próprio regulamento interno e pelos exercícios de piedade, que se fazem regularmente. Conheceu êle que Dom Bosco fazia da castidade a mola real do seu sistema educativo; por isso êle que já prezava tanto a pureza da alma, começou a amar com maior ardor a virtude dos bem-aventurados, que, por ela, verão a Deus (Mat. V-8). Quanto à obediência, para sua alma humilde e rica de fé, não podia ser de grande dificuldade obedecer. Todos os seus contemporâneos com os quais pessoalmente conversamos fizeram dêle as mais belas referências. Dom Helvécio Gomes de Oliveira que foi, por muitos anos, Arcebispo de Mariana, frequentou o Colégio Santa Rosa alguns anos, como aluno interno: precisamente nessa época vivia, no Colégio, Joaquim Honório; prestou-nos o eminente Prelado belas informações sôbre o espírito de sacrifício do bom Irmão Salesiano. Com tal disposição para os atos de renúncia, a obediência para êle tinha de ser relativamente fácil. Sabia êle que é melhor a obediência do que o sacrifício — Melhor obedecer do que oferecer holocausto (I Reg. XV,-22).

MORTE DE DOM BOSCO

Para a rápida adaptação de Joaquim à vida salesiana, muito contribuiu o ouvir sempre falar das excelsas virtudes do santo Fundador dos Salesianos. O ano da morte de D. Bosco foi precisamente o ano de 1888, o da formação de Joaquim, no Colégio Santa Rosa. Dom Bosco havia falecido a 31 de Janeiro. Se durante a vida do santo sacerdote. muito se falava de seus prodígios e de suas virtudes, por ocasião da morte, no mundo inteiro a imprensa se ocupou dêle e de suas obras. Sentimos a necessidade e a beleza da luz precisamente quando ela se apaga. Nas casas salesianas, constantemente se recordavam os exemplos do inesquecível Pai. Essa atmosfera tão própria para impregnar a alma dos salesianos de veneração e de desejos de imitar as virtudes do pranteado Fundador, tiveram a mais benéfica influência na alma de Joaquim Honório. Nas duas casas salesianas do Brasil — a de Niterói e a de São Paulo — as únicas então existentes, fizeram-se exéquias soleníssimas.

Vamos transcrever um trecho de uma carta escrita, a 7 de Março de 1888, a Dom Miguel Rua — Sucessor de D. Bosco — pelo diretor do colégio Santa Rosa — Padre Pedro Rota. Por essa carta se vê a veneração que tinha o Bispo do Rio de Janeiro por D. Bosco e também como o Bispo era admirado pelos Salesianos.

... "Cheguei a Niterói, no dia 28 de Fevereiro (1888) e fui recebido cordialmente por todos os

Salesianos, Cooperadores e principalmente pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano. A primeira solenidade que tive de preparar foi bem triste: os funerais do nosso amado Pai D. Bosco, que celebramos ontem, 6 de Março.

"A Igreja estava ornamentada com elegância e bom gôsto; fomos auxiliados por uma benemérita Irmandade, que mui de boa mente nos ofereceu os seus mais belos ornamentos. Embora fôsse dia de trabalho, o local incômodo e o calor excessivo, não obstante a capela estava repleta. Estavam presentes pessoas da mais alta sociedade, muitos representantes de tôdas as Congregações Religiosas, muitíssimos Cooperadores e Cooperadoras. Monsenhor Brito, Vigário Geral da Diocese, cantou a Missa. Assistiram à mesma o Exmo. Sr. Bispo, um Monsenhor e dois Cônegos da Catedral. Cantamos, e creio que não muito mal, a primeira Missa Fúnebre de D. Cagliero. Após a Missa, Dom Lacerda subiu ao púlpito. Duas horas e quinze minutos depois descia, tendo chorado e feito chorar, falando de Dom Bosco, como pode falar Dom Lacerda. Não quero discutir se pode ou não haver orador mais eloquente do que o nosso Bispo; mas que haja um coração mais generoso e maior, é-me permitido duvidar, após a oração fúnebre de ontem. certos momentos, principalmente quando falava do amor que D. Bosco lhe havia demonstrado, em que desaparecia completamente o homem e só ficava como um gigante o seu coração. Omnibus omnis foi o tema e o desenvolveu admiràvelmente, demonstrando como D. Bosco soube corresponder plenamente a tôdas as exigências e necessidades dêste século. O seu adeus a D. Bosco foi o que mais comoveu ao auditório. Deu êle mesmo a absolvição,

junto à essa e ao *Oremus* sua voz era entrecortada pelo pranto... Bendito seja o Senhor que tirandonos o Pai comum, deixou aos Salesianos de Santa Rosa quem merece todo nosso amor e reconhecimento".

XV

PEDAGOGIA DE DOM BOSCO

Como atrair as almas — Docilidade — Amor à Cruz.

COMO ATRAIR AS ALMAS

Uma vez integrado na Família Salesiana, Joaquim Honório procurou compreender e assimilar o sistema de D. Bosco. Qual seria o segrêdo extraordinário do Grande Educador para conquistar a boa vontade dos educandos, a fim de conseguir dêles a cooperação indispensável para a educação dêles mesmos? Em rigor é o educando que se educa. O educador procura estimular a vontade do educando a reagir contra os próprios defeitos. Quem quisesse impor a educação, poderia talvez conseguir resultados aparentes. Quando é a própria vontade do educando que cuida de se reformar, pode-se crer no fruto da educação.

Dom Bosco procurava conquistar a confiança do seu aluno; feito isso, a obra educativa estava bem começada. Joaquim procurou imitar o santo Fundador, no tratar os alunos com invicta paciência e imenso desejo de os encaminhar para Deus. Encantavam-no aquelas cenas de caridade altíssima de que a vida de D. Bosco está repleta. Haja vista êste episódio:

D. Bosco se achava em Roma no ano de 1858. Conversava com êle o Cardeal Tosti sôbre a pedagogia adotada no Oratório de Turim. Explicava D. Bosco que sua preocupação era, antes de mais nada, conquistar a confiança dos meninos. Depois fàcilmente os moveria a combater os próprios defeitos. Mas o Cardeal objetava que a conquista da confiança não era fácil. Dom Bosco disse que era necessário fazer desaparecer a distância entre o educador e o educando e que tal aproximação se obtinha pela bondade. E continuou a discorrer sôbre isso. Afinal se ofereceu ao Cardeal para uma demonstração prática. Perguntou a sua Eminência em que local de Roma se poderiam encontrar naquela hora garotos a brincar na rua. O Cardeal lembrou a Praça delle Terme ou a Praça del Popolo.

O côche do Cardeal seguiu para a praça del Popolo. D. Bosco desce e o Cardeal fica no côche a ver o que fazia D. Bosco, entre os garotos. Estes em grande número brincavam em algazarra na praca. Ao verem o padre se aproximar fogem. Dom Bosco oferece uma medalhinha a um dêles; outro se aproxima para ganhar também uma medalha. Em breve todos se acham ao redor de Dom Bosco. "Agora — diz — eu vou brincar com vocês. "E põe-se a correr com os rapazes que vibram de entusiasmo. Afinal pára, diz boas palavras aos garotos e se dirige para o côche. Todos o acompanharam pesarosos, vendo-o partir. Quando o côche se pôs em movimento, passou entre duas alas de garotos sorridentes. O Cardeal comovido não precisou de ulteriores explicações.

Joaquim Honório se deliciava com a narração de fatos quejandos, que encontravam, em sua alma, tão belas disposições para imitados. O sistema preventivo de que Dom Bosco era intérprete exímio, tinha realmente sua base na caridade — nessa caridade que tudo sabe sofrer, a fim de ganhar almas

para Deus. O egoista, o educador que não quer sacrificar, amante do comodismo, nunca entenderá o sistema de D. Bosco. E ainda que o entendesse não saberia aplicá-lo. A alegria constante que Dom Bosco queria ver reinar nos seus colégios, era decorrente dessa caridade que se conforma com a índole da juventude, insofrida de tristeza. jovem não encontra um ambiente alegre, procura afastar-se e não se deixa educar. A alegria sã atrai a mocidade, abre-lhe o coração para acolher o conselho amigo. Dom Bosco, admirador da amabilidade de São Francisco de Sales, ensinava como o Doutor Amável que mais moscas se apanham com uma gôta de mel do que com uma canada de vinagre. Essa mentalidade era imensamente apreciada por Joaquim Honório que se comprazia em traduzir na prática os belos ensinamentos de Dom Bosco.

DOCILIDADE

Diz São Paulo que o justo vive de Fé. Era Joaquim tão dócil na prática da vida religiosa que, em pouco tempo, parecia religioso provecto, amadurecido na disciplina própria do estado religioso. Quem tem a alma forrada de fé caminha com tanta naturalidade pelos caminhos do Senhor, que dá a impressão de já ter nascido com as virtudes e de nenhum esfôrço lhe custar assim proceder, com tanta docilidade, ao regulamento e às diretivas da disciplina religiosa. Nunca surpreenderam o bom Irmão na incoerência dos que se dão às mortificações e à prática das devoções, seguindo mais o próprio gôsto do que o Regulamento ou as normas dos Superiores. São capazes de adotar disciplinas e sérias mortificações, mas relutam contra as dis-

posições superiores, procurando mais seus gostos do que as prescrições regulamentares. A tal propósito, dizia São Felipe Neri: "Que culpa têm as costas se a cabeça é dura?" O mesmo Santo que era um bom psicólogo dizia batendo na testa: "A santidade está nestes três dedos". O bom Irmão do Colégio Santa Rosa na sua docilidade, compreendera muito bem que a vontade própria, os caprichos pessoais estão muito longe da vontade de Deus, quando discrepam das normas regulamentares ou dos conselhos dos Superiores.

AMOR À CRUZ

Já vimos como, no século, Joaquim Honório se habituara à prática das mortificações.

Os combates simulados, em que se exercitam as tropas, para que, no tempo de guerra, não se portem como recrutas bisonhos, amoldam os combatentes ao regime do sacrifício e os habituam às canseiras do campo da luta. As mortificações cristãs habituam a alma às privações em rigor desnecessárias, mas capazes de exercitarem o soldado de Cristo aparelhando-lhe a vontade para suportar sem dificuldade, os contratempos e reveses, as humilhações e até as perseguições. Todo o cristão deve poder dizer com São Paulo que no sofrimento tem a fortaleza (II Cor. XII). O soldado de Cristo deve ser, antes de mais nada, um forte, por isso o Espírito Santo lhe recomenda: "Filho, quem se quer dar ao servico de Deus se deve preparar para a provação" (Eccli. II-1). Joaquim queria dar-se todo a Deus, por isso foi necessário que houvesse de sofrer, foi recebido na Congregação, pois seus achaques não o impediam de seguir a vida combalida, cumpria regularmente seus deveres e se mostrava sempre alegre como se gozasse de ótima saúde.

Na verdade porém, aproximava-se o fim dos seus dias. Feliz a Casa Religiosa em que um Religioso enfêrmo sabe transformar suas dôres em bênçãos para a sua Comunidade. O sofrimento de um Religioso que sabe sofrer, sobe ao Céu e volta como chuva benéfica sôbre a Família Religiosa. É um pára-raios vivo, uma proteção preciosa para seus irmãos. Santa Teresinha, no princípio dêste século, assim escrevia a sua irmã: "Agora nada mais temos a esperar neste mundo. Alvoradas frescas já se foram. Agora os sofrimentos. Oh! invejável sorte a nossa. Tal ventura não gozam os Serafins do Céu. Note bem o que eu disse: resignação não é o mesmo que vontade de Deus. Veja a diferenca que há entre a união e a unidade. Na união ainda são dois os sêres; na unidade é um só. Sim, devemos ser uma só cousa com Deus, desde êste mundo. Assim seremos mais que resignados".

XVI

NO AMBIENTE SALESIANO

Uma carta de Joaquim Honório dos Santos — O Bispo do Rio de Janeiro — Testemunho de Dom Helvécio — Na enfermaria do Colégio.

UMA CARTA DE JOAQUIM HONÓRIO

Foi breve a vida de Joaquim como Salesiano; mas foi suficiente para fazer dêle um modêlo de Salesiano Coadjutor. Passou apenas dois anos na Casa de Dom Bosco; mas bastou para que o perfume de suas virtudes embalsamasse o ambiente do Colégio Santa Rosa. Continua ainda o humilde Sapateiro a iluminar com o exemplo que deixou o caminho que todo o bom Irmão deve percorrer para ser digno discípulo do Santo Fundador.

O único autógrafo que conseguimos do nosso biografado foi uma carta que obtivemos de suas irmãs já velhinhas. É uma carta escrita por êle à sua velha mãe, no mês de Julho de 1890 — o último ano de sua peregrinação terrena. Aqui transcrevemos a parte principal dessa carta:

COLLÉGIO DE ARTES E OFFÍCIOS SANTA ROSA — NICTHEROY

Receio bastante que minha Mãe tenha soffrido necessidades, pois, peço perdão se por ventura fui

causa para isso. Entretanto sei que minha Mãe, irmãs e irmão terão soffrido com resignação qualquer adversidade, pois com suas costumadas devoções e frequência dos Sacramentos, terão encontrado remédio para êsses males.

Em fim recommendo-me ás orações de todos e peço a benção á minha Mãe. Si meu Pai estivér ahi, peço que receba esta carta como também dirigida a êlle, si ausente, rogo-lhes fação chegar a êlle minhas recomendações.

Julho-I-1890,

Seu filho obediente Joaquim Honório dos Santos

P.S. Remetto junto desta o balanço que contem as declarações das sommas realizadas por occasião da extincta sociedade de sapataria que tivemos ahi".

---//---

Em si parece um documento sem valor. Mas é o único de próprio punho que conseguimos. Entretanto pode-se ler nas entrelinhas dessa carta de extrema simplicidade o carinho filial, a fé do signatário e da família destinatária.

O BISPO DO RIO DE JANEIRO

Já vimos atrás que D. Pedro Maria de Lacerda foi grande amigo dos Salesianos e resumimos em breves traços sua vida. No presente capítulo queremos apresentá-lo ao leitor nas relações que pessoalmente manteve com o humilde Irmão Salesiano Joaquim Honório.

Como já vimos, o insigne Prelado era forte no reprimir os abusos e não se intimidava diante dos prepotentes. Os descontentes naturalmente lhe faziam guerra e planejavam seu afastamento do Rio de Janeiro. Para conseguir seus intentos desejavam promovê-lo para removê-lo — promoveatur ut amoveatur. No Brasil só havia uma arquidiocese a da Bahia criada em 1676. (Hoje há no Brasil 167 circunscrições entre Dioceses e Prelazias e 31 Arquidioceses e um Ordinariato do Rito Oriental). Conseguiram que o Govêrno Imperial, que nesse tempo era unido à Igreja, o nomeasse para a Sede Arquidiocesana Bajana. Grande desgôsto causou a Dom Lacerda essa promoção. Caiu gravemente enfêrmo e quase perdeu a vida. Pouco depois, nôvo golpe feriu a saúde mal consolidada do Prelado a Proclamação da República. O banimento da Família Imperial contristou profundamente a Dom Lacerda, pois apesar da sua franqueza em verberar os abusos do Govêrno, gozava de grande estima e veneração da Família de Dom Pedro II. Era Capelão-Mor da Capela Imperial. Êle havia batizado os filhos do Imperador. Havia recebido de D. Isabel — a Redentora —, por ocasião da abolição do cativeiro, o título de Conde da Santa Sé. Já havia êle solicitado da Santa Sé a sua substituição no Govêrno da Diocese. Antes porém de deixar a Diocese veio a falecer. Nos últimos meses de sua vida, enfermiço e aflito pelos desgostos que sua consciência delicada experimentava, quando lhe chegavam ao conhecimento os contratempos e desordens da época — seu pensamento se voltava para o Colégio Santa Rosa. As horas que passava na Casa Salesiana eram um oásis na sua vida.

O Padre Carlos Peretto que era da Diretoria do Colégio, muitos anos mais tarde, mais de uma vaz nos referiu que o prazer de Dom Lacerda era a Oficina de Sapataria do Colégio. É que o Mestre da Oficina era o Irmão Joaquim Honório, de quem o Prelado era grande amigo e admirador. O Bispo do Rio sentava-se em um banquinho de sapateiro e ali ficava a ver o Irmão que ensinava aos pequenos aprendizes a fazer calçados. A paciência e mansidão do Mestre encantavam ao preclaro Bispo. Com a maior simplicidade se entretinha com o bom Salesiano. E sua alma dorida sentia o refrigério da paz que buscava.

Dom Lacerda voltava então para o Rio com o espírito retemperado. O Diretor Padre Pedro Rota, delicadíssimo, procurava cercar o venerando prelado de atenções, pois nêle considerava um verdadeiro pai dos Salesianos.

TESTEMUNHO DE DOM HELVÉCIO

Dom Helvécio Gomes de Oliveira, era como já vimos, aluno do Colégio Santa Rosa ao tempo em que Joaquim Honório lá permaneceu. Mais tarde se fêz Salesiano, foi Bispo de S. Luís do Maranhão e depois Arcebispo de Mariana. Quando ainda Bispo em São Luís nos escreveu uma carta, da qual transcrevemos aqui o seguinte tópico:

"Em todo aquêle ano e mais ainda no seguinte, olhos atentos a todos os personagens do pequeno mundo colegial, fortemente me impressionou sempre a figura asceta, macilenta, paciente, piedosa do irmão que eu notara frequentes vêzes atravessar

o pátio, à esquerda dos que então chamávamos oficiais (hoje aprendizes). Encalhava a cada grupo dos pequenos oficiais, distribuindo sorrisos, que faziam esquecer as férias, repartindo pequenos bilhetes de máximas, geralmente impressas, raramente manuscritas, contendo pensamentos religiosos, anedotas, pequenas astúcias, enfim, em que seus olhos de muita fé, viam armas contra os maus pensamentos, contra a ociosidade, quiçá conversações equívocas".

O aluno Helvécio era da divisão dos estudantes e se edificava com a caridade do bom Irmão para com os pequenos oficiais. Demos ainda a palavra ao Excmo. Bispo, que recorda cenas colegiais. Refere-se aos passeios que às vêzes o colégio organizava, para gáudio dos colegiais. — "Folgadamente nos encontrávamos à retaguarda da Banda de Música, dirigida por um Maestro do Rio, não raro pelo próprio Diretor do Colégio.

"Lembro-me desta circunstância para lhe dizer que de uma feita, fomos a um sítio distante, além do "Fonseca" e eu tive ocasião propícia para apreciar a caridade do bom Irmão (Joaquim Honório). Foi no regresso. Uma tempestade monstro colheu--nos de improviso, ainda longe do Colégio. Encharcaram-se as estradas, tornadas rios. Perdido o rumo. não aparecia alma viva que guiasse a pequena comitiva, a tiritar. O pobre Irmão Joaquim sem largar o enorme contrabaixo que se lhe enrolava no torax, desveladíssimo, animava os mais tímidos, corria a acudir com suas mãos calosas a um que tombara, erguia de pêso a um pequeno, ajeitava outro dentro do carro atravancado de caldeirões. sacos e caixotes, num esfôrço (reflito eu agora) superior às suas fôrcas, quicá supremo. Como Deus

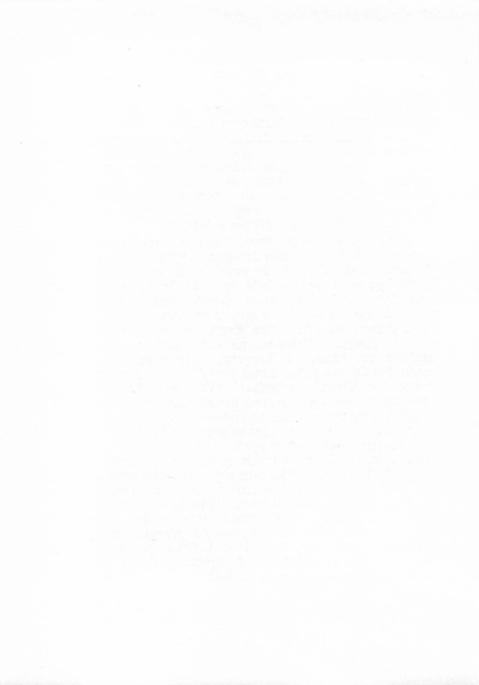
foi servido, avistamos, já ao escurecer, o Colégio. E no dia seguinte e nos outros após, raras vêzes foi visto o Irmão Joaquim. Adoecera para morrer".

NA ENFERMARIA DO COLÉGIO

Vimos como Dom Lacerda se sentia feliz no ambiente do Colégio Santa Rosa. Naturalmente muito contribuia para isso a grata recordação que conservava da visita que fizera a Dom Bosco no Oratório de Valdocco, onde Dom Bosco o encantou com a sua extraordinária caridade. O próprio Dom Lacerda deixou escrito: "... Na Casa Central e cabeca de tôda a Congregação Salesiana, fomos recebidos com alegres músicas e estrepitosos vivas e hospedados por uns quinze dias e tratados com muito carinho e amor, além da profusão. Aí tratei e conversei com êsse homem singular, um assombroso Sacerdote, um prodígio vivente, chamado Dom Bosco, que para ser imortalizado nos fastos da sociedade e da Igreja, basta ter realizado em nossos dias essa celebérrima e benemérita Sociedade dos Salesianos, querida de todos e operadora de maravilhas a bem da juventude desvalida. Bons e ditosos dias êsses que passamos nesse asilo das virtudes cristãs e das artes, vendo exemplos de piedade e triunfos da Providência, tendo a doce consolação de distribuir a Comunhão, tôdas as vêzes que celebrávamos a 200 e até a 500 e mais devotíssimos rapazes, salvos da miséria e talvez alguns arrançados dos mesmos vícios das praças públicas" (Past. 22-VI-833).

Dom Lacerda admirava o espírito alegre que reinava entre os Filhos de Dom Bosco do Colégio e quando Joaquim Honório caíu doente, êle ia visitá-lo e se edificava, ao ver como o bom Irmão em meio aos sofrimentos, mantinha sempre a alegria. Havia o mesmo Prelado escrito: "E o que não é menor maravilha, os Salesianos dentro em poucos dias, travam amizade com todos pela alegria, que parece o caráter dominante, no geral dêstes bons homens, muito populares, desinteressados, humildes, obedientes, zelosos e amigos da sociedade e do florescimento das artes, ofícios e letras".

Como já dissemos, Dom Lacerda consagrava grande amizade ao Irmão Joaquim, cujas virtudes não cessava de admirar. Ia visitá-lo na enfermaria do Colégio e se sentia feliz ao lado do humilde Sapateiro. O padre Carlos Peretto testemunha ocular dessas cenas de encantadora simplicidade, assim deixou escrito: "Sua Excia. Revma. ia visitá-lo (a Joaquim Honório) na enfermaria e sentando-se na cama de Joaquim, perguntava-lhe: Então Irmão Joaquim, como passa?" Êle com o sorriso nos lábios, respondia: "Vou bem, Excia., como Deus é servido". Nunca proferia uma palavra de queixa, mesmo quando recrudescia o mal". Sim, Joaquim podia realmente responder — "Vou bem": - Para quem sabe sofrer cristamente o sofrimento é um tesouro. E o bom Irmão ia bem porque sabia haurir da fonte do sofrimento copiosos merecimentos. Dêle se dizia que tinha o ar mais prazenteiro nos dias em que mais padecia. Grande e difícil a Ciência da Cruz, o saber transformar a dor em prazer. Aproximava-se o têrmo da peregrinação do humilde Salesiano. O soldado de Cristo já sente próximo o fim do combate. A esperanca cristã já lhe faz lobrigar a palma da vitória.



XVII

ÚLTIMOS DIAS

Consummatus in Brevi — Profissão Religiosa — Morreu o Irmão Joaquim — No leito de morte — Ainda um testemunho de Dom Lacerda.

CONSUMMATUS IN BREVI

De alguns dos seus santos faz a Igreja êste elogio — Tendo vivido pouco, encheu uma longa vida. Na vida religiosa, Joaquim viveu apenas dois anos; entretanto deixou na Congregação, um nome venerado, como religioso modelar. Mesmo fora das casas salesianas, através dos elogios que dêle fazia o Excmo. Bispo do Rio de Janeiro, o nome dos irmãos Coadjutores Salesianos, tornou-se objeto de adimração e estima. Acresce que eram os primeiros Religiosos sem hábito que se viam no Brasil. — Esta circunstância impressionava porque muitos supunham que fôssem êles simples leigos, não religiosos. Assim o belo exemplo que davam de católicos exemplares — era já verdadeiro apostolado. Na cidade natal de Joaquim Honório, chegavam notícias edificantes do Salesiano Sanjoanense. bem possível que essas notícias tenham despertado outra bela vocação de Salesiano Coadjutor. Referimo-nos ao Coadjutor Carlos de Assis, que seguiu o mesmo caminho de Joaquim Honório. Carlos de Assis, também de São João del Rei, internou-se, pouco depois de Joaquim Honório, no mesmo Colégio Santa Rosa. Foi também Mestre na alfaiataria do Colégio e bom músico. Foi um Salesiano de

muita virtude e morreu alguns anos depois de

Joaquim.

A vida é mais uma questão de intensidade do que de duração. Há pessoas que num só dia realizam muito trabalho digno da recompensa celeste; há outras que durante anos nada colhem e chegam a envelhecer de mãos vazias. Dois anos de vida religiosa quais os viveu Joaquim, valem por uma vida dilatada. Nosso Senhor a quem Joaquim serviu com dedicação, o confortou com a paz da alma. E que há de comparável a essa paz da alma que supera a tudo quanto é sensível — como diz São Paulo? (Phi. IV-1). O bom Irmão entendia bem o Profeta Rei que exclamava: "Experimentai, saboreai, e vêde quão suave é o Senhor (Sal. XXXIII).

PROFISSÃO RELIGIOSA

Joaquim Honório desde que pôs o pé na casa Salesiana, procurou viver como se tivesse já feito seus votos. Mas naturalmente teve de esperar o tempo regulamentar, a fim de conhecer bem a Congregação em que desejava professar e de ser bem conhecido dos superiores. Desejava êle vincular-se à Congregação, de modo formal e irrevogável. Servir a Deus era sua preocupação, seu ideal, sua santa ambicão. Quando a última enfermidade o prostrou no leito, donde não se levantaria mais, tinha alma bem preparada para a generosa oblacão, que é a profissão religiosa. Deveria êle fazer os exercícios espirituais que sempre precedem a profissão; Deus porém dispôs que a enfermidade santamente suportada substituísse os exercícios espirituais.

Nosso enfermo sentiu agravar-se-lhe a enfermidade. Uma consternação geral pairou em todos os habitantes do Colégio Santa Rosa. Os Irmãos iam visitar o enfêrmo; saíam da enfermaria edificados, mas acabrunhados, prevendo o próximo desenlace.

Propalou-se entre os alunos, já então numerosos, a notícia da enfermidade que punha em perigo iminente a vida do Irmão tão querido de todos êles. Muitas orações se fizeram pela saúde preciosa do bom Salesiano; mas Deus já tinha determinado chamá-lo a si. O mal progredia sempre, zombando de todos os cuidados e desvelos com que cercaram o querido enfêrmo. Joaquim que se não iludia quanto à gravidade do seu caso, preparou-se pròximamente para o grande passo. Quis fazer ainda uma vez sua confissão, recebeu com grande fé o Santo Viático e finalmente a Extrema-Unção. Uma graça ainda quis Nosso Senhor conceder ao bom Irmão — a profissão perpétua. Era então Provincial dos Salesianos no Brasil, o padre Luís Lasagna, que morreu em 1895, como Bispo de Trípoli, no desastre ferroviário de Juiz de Fora. Estava êle então em inspeção às casas salesianas do Estado de São Paulo, quando se agravou o estado de Saúde do nosso enfêrmo. O Diretor do Colégio, Padre Pedro Rota telegrafou ao P. Inspetor cientificando-o da gravidade da enfermidade. E recebe do Superior que já se achava em Lorena (S. Paulo) autorização para receber a profissão perpétua de Joaquim Honório dos Santos. Levada a notícia ao enfêrmo êle exultou. Ia consagrar-se oficialmente ao seu Senhor, como Filho de Dom Bosco. Depois disso poderia cantar o seu Nunc dimittis servum tuum, Domine... O padre Diretor acercou-se do bom Irmão. Vários Salesianos foram assistir à comovente cerimônia da profissão de um

enfêrmo que havia sempre edificado a todos com a sua piedade e caridade constante. Joaquim Honório com a voz trêmula mas em plena lucidez, proferiu a fórmula dos três votos religiosos de pobreza, castidade, obediência.

NO LEITO DE MORTE

A profissão religiosa é considerada pelos escritores sagrados, como um segundo batismo, que restitui à alma a inocência. Comparam ainda a profissão religiosa a um martírio pelos merecimentos, de que se enriquece o religioso, que faz os seus votos. Realmente a doação que o Religioso faz de si mesmo a Deus é tão formal e completa que se supõe no professando a generosidade, e os heróicos deseios do mártir. Feita a profissão, o Religioso pode exclamar com o profeta: "Vós Senhor despedacastes todos os meus grilhões" (Sal. 115-16). Joaquim era feliz. Seu leito de dores foi o altar em que êle vítima se quis imolar ao Deus, a quem tanto amava. Disse o Divino Mestre: "Em verdade, em verdade vos digo, se o grão de trigo que cair na terra, não morrer, permanece infecundo; se morrer produz fruto abundante" (João, XII-24, 25). Joaquim pelo seu espírito de abnegação já tinha morrido ao mundo; pela profissão perpétua êle confirmou sua morte nas mãos de Deus, ainda antes que seus olhos se fechassem à luz dêste mundo. Quanto ao fruto que suas orações, seus sacrifícios, seus trabalhos, seus exemplos já produziram e ainda produzirão, só Deus os conhece. Morreu religioso, morreu salesiano, morreu saboreando ainda as docuras das palavras da profissão

religiosa, morreu em tôda a pujança do seu fervor religioso.

Feliz dêle que pôde exclamar como o apóstolo: "Combati o bom combate, perfiz a minha carreira, conservei a minha fé, resta-me agora a coroa da justiça" (II, Tim. IV; 7, 8).

Realmente bela deve ter sido aos olhos do Senho essa morte (Sal. CXV-15).

Pouco depois de sua profissão religiosa, Joaquim Honório dos Santos entregou sua alma privilegiada ao Deus a quem tanto amou na terra. A consternação no Colégio Santa Rosa foi grande. Não só os Salesianos choraram a morte do bom Irmão, mas também os alunos. Estudantes e aprendizes sentiram profundamente o desaparecimento do bondoso Mestre, querido que era de todos. Fora da Casa Salesiana, entre os Cooperadores Salesianos e entre os pais dos alunos, foi também muito sentida a morte do bom Irmão, cujas virtudes eram já bem conhecidas.

AINDA UM TESTEMUNHO DE DOM LACERDA

Dom Pedro Maria de Lacerda tinha verdadeira amizade ao Irmão Joaquim, antes verdadeira veneração. Quando soube da morte do bom Irmão sentiu profundamente. Nessa época S. Excia. já estava com a saúde bem abalada. Veio a falecer pouco depois do Irmão Joaquim.

Temperamento sensível, impressionável, Dom Lacerda sofreu muito nos últimos dias e seu confôrto era invocar a proteção do Irmão Joaquim para que intercedesse por êle junto de Deus. Demos aqui a palavra ao Padre Carlos Peretto que também foi honrado por Dom Lacerda com grande amizade:

"Quem poderá esquecer a cena tocante a que então assistimos, quando o nosso caro Joaquim estava nos últimos dias de sua vida? S. Excia, o Sr. Bispo ia visitá-lo; sentava-se à beira da cama do virtuoso Mestre Sapateiro, invejando santamente a admirável conformidade e constante sorriso do padecente. Bem gravadas ficaram na nossa mente, as palavras do saudoso Bispo, quando em 1891, achando-se em agonia, ia repetindo a miúde com a mais edificante humildade: "Ó Joaquim sapateiro, valei-me nesta hora, alcançai-me aquela paz, aquela calma e resignação, que gozastes em vida e na hora da vossa morte". E o mesmo Padre Carlos acrescenta que o virtuoso Bispo, na sua confianca ingênua e franca, quando invocava o Irmão Joaquim, explicava; "Joaquim, não o pai da SS. Virgem, Joaquim — o Sapateiro de Santa Rosa". Tal era a confianca que D. Lacerda depositava na intercessão do bom Irmão Salesiano. Essa confianca de tão ilustre Prelado, nessa hora tão solene, em que nos aproximamos do Tribunal da Justiça Eterna — são realmente do mais subido valor. As recordações em que, ainda hoje, vivem como embalsamadas as virtudes do humilde Filho de Dom Bosco, confirmam o grande conceito que o Bispo do Rio de Janeiro tinha formado sôbre Joaquim Honório dos Santos. Oxalá alcance êle o bom Irmão para os leitores dêstes tracos biográficos o que para si pedia a grande alma de Dom Pedro Maria de Lacerda — a paz, pela resignação com a santíssima vontade de Deus.



Composto e Impresso
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 (Moéca)
Fone: 33-5459 — SÃO PAULO